

Press
Abba

A DOUTRINA DA ADOÇÃO

**Sua negligência histórica e a
necessidade de resgatá-la**

Jeffery L Fromholz

A Doutrina da Adoção

Jeffery L. Fromholz

©C Abba Press Editora e Divulgadora Cultural Ltda.

Categoria: Reflexão Bíblica

Cód.: 01.08.119.1018.1

1ª. Edição no Brasil

Outubro de 2018

Revisão

Gislane Lima Pinheiro

Jonas Pinheiro Barbosa

Mariana Nunes de Sousa Reis.

Coordenação Editorial

Cida D. Paião

Impressão

Powergraphics

ISBN 978-85-7857-062-5

É permitido a reprodução de partes deste livro,
desde que citada a fonte e com a devida autorização
escrita dos editores.

Abba Press

Tel./Fax (11) 5686-5058 - 5686-7046

Site: www.abbapress.com.br

Email: abbapress@abbapress.com.br

Dedico este trabalho ao meu filho Samuel. Por meio da vida dele tenho aprendido o que a adoção é na prática e o que nosso Pai tem feito por nós, nos fazendo Seus filhos. O amor incondicional do Samuel e a sua constante alegria têm me feito outro homem. E à minha esposa Lisa: tu és a batida do meu coração.

SUMÁRIO

Prefácio

Introdução

- 1. A falta do desenvolvimento da doutrina: A História da Igreja**
- 2. Adoção: O que é?**
- 3. Adoção e o Ordo Salutis**
- 4. Adoção: O maior privilégio**
- 5. A Realidade por trás da nossa adoção**
- 6. Adoção: Passado, presente e futuro**
- 7. O que adoção significa para nós:
As consequências e as aplicações para nossas vidas**
- 8. Palavra final**

Notas bibliográficas

Referências

PREFÁCIO

No ano 2010, minha esposa e eu nos achamos num orfanato olhando para um menino que futuramente faria parte de nossa família. Não era nossa intenção adotar uma criança naquele dia. Na verdade estávamos simplesmente levando duas caixas de brinquedos para doar ao orfanato. Mas, Deus, como sempre, tinha planos maiores para as nossas vidas. O que começou com um ato de bondade, acabou com um menino que se chamava Samuel invadindo a nossa casa menos de um mês depois, e mudando para sempre as nossas vidas.

Ser adotado é algo que todo crente entende de ser verdade e fica maravilhado em pensar que Deus, o Criador do mundo, tornou-o filho. Adotar é aproximar-se do coração de Deus e entender o que Ele sentiu quando nos adotou. Para mim, era algo revelador por ser adotado já duas vezes. A primeira, quando meu padrasto me adotou com dois anos de idade, dando-me um pai e um novo sobrenome. Ele, por sinal, acabou sendo o único pai terreno que fez parte da minha vida. A segunda, quando Deus me adotou e me fez parte da sua família para sempre. Como já disse, era revelador para mim, porque eu nunca tinha parado para pensar a respeito do que meu pai fez. Para mim, ele sempre tinha sido meu pai. Eu nunca tinha parado para pensar que ele não precisava fazer aquilo. Nada o obrigava a assumir a criação do filho de outra pessoa. Para ser bem honesto, isso até mudou a maneira como eu olhava para ele. Eu comecei a apreciar o seu ato de bondade e autossacrifício, e o título de pai tomava um significado maior. Então a ideia de Deus ser meu Pai assumiu completamente uma outra dimensão.

INTRODUÇÃO

Vejam como é grande o amor que o Pai tem nos dado, a ponto de sermos chamados filhos de Deus; e de fato somos! (1 João 3.1 VPV)¹

Esta obra é resultado de algo pessoal na minha vida: a adoção do meu filho Samuel. E devido a minha experiência pessoal com ele, comecei a entender melhor o que é adoção, e assim passei a buscar compreender melhor a minha própria adoção por Deus. Por isso realizei um estudo exaustivo de, se não todos, quase todos os documentos que podiam ser achados a respeito desta doutrina e assim organizá-los numa obra só.

Entretanto, nessa busca por documentos descobri algo estranho: a doutrina da adoção, algo que todo mundo aparentemente entende, visto que todos os crentes se referem a si mesmos como filhos de Deus, foi deixada de fora da maioria das discussões fundamentais da igreja desde o tempo da igreja primitiva. Assim, existe uma grande falta de material sobre o assunto. São poucos os livros que têm sido escritos abordando o assunto, e até os que o têm abordado, abordaram-no de uma maneira superficial e passageira. O fato da doutrina da Adoção ter sido, historicamente, considerada fora dos elementos fundamentais ou suficientes do evangelho é um indicativo da compreensão inadequada, por parte da igreja, do papel e da importância dela para seu entendimento de salvação. Todavia, essa negligência histórica não justifica o abandono da doutrina no presente, também a aparente falta de interesse e a escassez de material sobre o assunto.

Martyn Lloyd-Jones observou que “por alguma razão inexplicável, é uma doutrina sobre qual muito raramente ouvimos sermões”. E questiona: “Quantas vezes você já ouviu falar sobre isso?”²

Deve ser dito, sem restrição, o quanto é importante entendermos para que somos salvos e do que fomos salvos, pois entender para que e do que fomos salvos tem grandes implicações na maneira como vivemos. O professor de Bíblia, Warren Wiersbe sente que um bom "entendimento de adoção é importante se você e eu estamos a desfrutar da nossa vida cristã ao máximo".³ E J.I. Packer vai ainda mais longe, acrescentando que uma compreensão da nossa adoção é o alicerce de uma vibrante, vitoriosa caminhada cristã, escrevendo que: “Se quiser julgar até que ponto uma pessoa entendeu o que é cristianismo, descubra que valor ela dá ao fato de ser filha de Deus e de ter Deus por Pai. Se esse pensamento não dominar e controlar suas orações, sua adoração e toda a sua atitude perante a vida, isso demonstra não ter entendido bem o cristianismo. Pois tudo o que Cristo ensinou, o que torna o Novo Testamento novo e melhor que o Antigo, tudo o que é distintamente cristão, em oposição ao judaísmo, está englobado no conhecimento da paternidade de Deus”.⁴

Entender sobre a nossa adoção por Deus e o que isso significa para nossa vida presente

e na eternidade é de valor imensurável e algo que não devemos ignorar. Assim, enquanto embarcamos neste estudo da doutrina da adoção, é meu desejo e oração que Deus te conceda a graça de entendê-la e que Ele te conduza a uma apreciação ainda maior por Ele e pelo que o Seu Filho Jesus Cristo fez na cruz por nós, tornando a nossa adoção possível, resultando num relacionamento cada vez mais íntimo com o Criador do Universo, que é nosso Pai.

CAPÍTULO 1

A FALTA DO DESENVOLVIMENTO DA DOUTRINA DA ADOÇÃO NA HISTÓRIA DA IGREJA

“A doutrina evangélica da adoção, sucintamente descrita como ‘um ato da livre graça de Deus, pela qual somos recebidos no número e temos o direito a todos os privilégios dos filhos de Deus’, tem recebido mínimo tratamento nas mãos de teólogos. Ela tem sido tratada com uma deficiência totalmente desproporcional à sua importância intrínseca, é comum a subordinação que lhe permite apenas um lugar entre parêntesis no sistema da verdade evangélica”.¹

Para colocar tudo em contexto, em sua grande obra de 2.600 páginas *The Creeds of Christendom*, o historiador da igreja Philip Schaff inclui apenas seis credos que contêm uma seção sobre adoção, pois eles são os únicos que ele poderia achar enquanto vasculhava em quase 1.900 anos de história da igreja.

Mas, em defesa da igreja, devido a falta de material sobre a doutrina da adoção, deve ser dito que ela estava especialmente ocupada, e com razão, com as doutrinas da Trindade e de Cristo, porque estas estavam sendo atacadas dentro da própria igreja. A igreja, durante e depois da Reforma, necessariamente se concentrou na defesa da doutrina da justificação. E as prolongadas disputas entre católicos romanos e protestantes sobre a justificação garantiram que a soteriologia se tornasse um dos principais pontos de discussão da igreja cristã. Ironicamente, o interesse pela justificação, que criou possibilidades para o desenvolvimento da doutrina da adoção, tornou-se a principal razão pela qual esta última continuou sendo negligenciada. Simplificando, a adoção tornou-se completamente obscurecida pelas controvérsias sobre a justificação. “Todas essas batalhas foram essenciais para a igreja lutar em defesa da verdade cristã; mas, de forma não intencional, elas resultaram na falha da igreja em desenvolver completamente o ensino da Escritura sobre a adoção”.²

Como a doutrina da adoção não fez parte de nenhuma das batalhas teológicas históricas, poucas confissões gastaram muito tempo abordando o assunto. E o pequeno número das confissões que contém declarações distintas sobre a adoção explica, em parte, por que a doutrina tem sido tão raramente discutida ao longo dos milênios de reflexão teológica.

Na medida em que pode ser discernida, a Confissão de Fé de Westminster foi a primeira confissão na história da Igreja a dedicar um capítulo inteiro à doutrina. Embora o capítulo XII seja o mais curto na confissão, é, no entanto, de importância inspiradora do credo:

“Todos os que são justificados é Deus servido, em seu único Filho, Jesus Cristo, e por ele, fazer participantes da graça da adoção. Por essa graça, eles são recebidos no número

dos filhos de Deus e gozam da liberdade e dos privilégios deles; têm sobre si o nome deles, recebem o Espírito de adoção, têm acesso com confiança ao trono da graça e são habilitados a clamar ‘Aba, Pai’; são tratados com comiseração, protegidos, providos e por ele corrigidos, como por um pai; nunca, porém, abandonados, mas selados para o dia de redenção, e herdam as promessas, como herdeiros da eterna salvação”.³

O indicativo da influência dos padrões de Westminster é o fato de que duas das outras cinco declarações credais relevantes nos credos da cristandade são copiadas textualmente da Confissão de Fé de Westminster. Estas são encontradas na Declaração de Savoy (1658) e na Confissão de Fé Batista (1689) respectivamente. Curiosamente, as três declarações restantes foram formuladas para uma compreensão mais familiar do evangelho, entre 1890 e 1925, e são subprodutos derivado do século XIX.

A verdade é que a doutrina da adoção raramente tem recebido reconhecimento oficial de credo. Quando referida, ela é geralmente mencionada em conexão com a predestinação, a segurança da fé ou o sacramento do batismo.

Graças ao Tim J. R. Trumper e sua obra exaustiva *The Theological History of Adoption I: An Account*, nós podemos cursar a história e ver como a doutrina da adoção foi tratada. Muito do que segue vem dessa obra.

Geralmente os escritos de teólogos pré e pós Reforma contêm apenas alusões fugazes à adoção, e ainda assim tais alusões estão normalmente localizadas em discussões sobre outras doutrinas. Nos casos isolados em que a adoção possui sua própria secção, essas geralmente são obscuras demais para atrair muita atenção.

Porém isso não demonstra que a doutrina da adoção tenha sido totalmente ignorada. J. Scott Lidgett sugere, por exemplo, que “em nenhum lugar podemos encontrar referência mais enfática e constante para a ‘adoção de filhos’ como o dom característico para os crentes em Cristo do que em Irineu. Embora essa afirmação seja mais apropriadamente feita de Calvino”.⁴ No entanto, a ideia principal da adoção é significativa, na teologia de Irineu, tema cognato da Paternidade de Deus. Lamentavelmente, porém, Irineu deixou de trabalhar com as implicações da paternidade divina para a sua teologia.

“Mais tarde, no terceiro e quarto séculos, os pais gregos da tradição alexandrina também demonstraram interesse nos temas familiares da Escritura. Orígenes (185 c.-254 c.), por exemplo, investigou intensamente a relação entre a filiação unigênita de Cristo e a filiação adotiva dos crentes”.⁵ De acordo com P. Widdicombe, no entanto, “não foi até o quarto século com Atanásio (c.297-373) que a paternidade de Deus tornou-se uma questão de análise sustentada e sistemática”.⁶ Quando isso aconteceu, desenvolveu a reflexão alexandrina sobre o modelo joanino de renascimento e o modelo paulino de adoção. Esses modelos se tornaram

especialmente fundamentais para a soteriologia 'Atanásio' ".⁷

No Ocidente, por sua vez, os Pais da Igreja falharam em acompanhar o interesse adotivo do Oriente. No entanto, estudiosos católicos estão divididos a respeito disso. Lyons afirma que “filiação adotiva não é menos claramente ensinada pelos Pais Latinos”.⁸ Porém, isso não quer dizer muita coisa, pois ele mesmo afirma que “mesmo Santo Agostinho não parece compreender a riqueza das suas implicações, nem integrá-la em seu ensinamento sobre a graça”.⁹ Lidgett é mais crítica ainda: “Com a teologia de Agostinho, a Paternidade de Deus (...) passou totalmente fora de vista. Ela tinha sido substituída pela concepção da sua soberania”.¹⁰

No milênio após Agostinho, o interesse ocidental pela Paternidade de Deus diminuiu em relação ao estudo da soberania de Deus que passou a dominar o interesse dogmático. *Cur Deus Homo* de Anselmo é uma ilustração dessa realidade teológica. Loughran argumenta que “a visão jurídica de Anselmo sobre redenção, que incide sobre a satisfação infinita necessária de Cristo, o constrangia a trabalhar a partir da premissa da soberania de Deus em vez de seu amor”.¹¹ Do mesmo modo, de Aquino é dito não apenas ter ignorado a paternidade de Deus, mas tê-la dispensado conscientemente: “Cada linha da teologia de Aquino (...) fez questão de não somente fazer da soberania divina o único relacionamento concebível entre Deus e o homem, mas também de externalizar e endurecê-lo”.¹²

Até que chegou o tempo da Reforma, então, a soteriologia ocidental, ao que parece, se tornou completamente jurídica. A ênfase agostiniana predominante na soberania de Deus foi combinada com a dissecação rigorosa e polêmica de justificação pelos reformadores, aumentando a atenção dada ao elemento forense do evangelho, com o resultado de que “o tema da adoção, ou filiação dos discípulos de Cristo, não (...) ocupou o lugar e recebeu a proeminência a que tem direito por motivos bíblicos”.¹³

Assim, apesar do impacto das epístolas de Paulo, principalmente Romanos e Gálatas (que contêm quatro das cinco instâncias do uso da palavra grega *huiiothesia*, traduzida por “adoção” no Novo Testamento), sobre Lutero, Lidgett explica que “a graciosidade e, na verdade a paternidade de Deus em Cristo, não é, em sua maior parte, expressa (por Lutero) (...) estritamente em termos de paternidade”.¹⁴ Foi apenas quando Lutero se tornou pai que ele compreendeu a natureza amorosa, reconfortante e que dá alegria, na paternidade de Deus. Antes disso, sua compreensão da paternidade divina foi afetada pela austeridade de sua própria experiência de infância. O seu pai era um homem sério e severo. Foi dito que ele o governou com “mão de ferro”. Lutero mais tarde na vida disse: “Uma vez meu pai me açoitou com tanta força que eu fugi. Eu o odiei até que ele finalmente conseguiu me reconquistar”.

Em contraste com Lutero, Lidgett com razão, mas surpreendendo muitos, afirma que “nenhum outro escritor da Reforma ressaltou a Paternidade de Deus (ou, podemos acrescentar, adoção) como fez Calvino”.¹⁵ Embora o reformador de Genebra não fornecesse nenhum

capítulo especial sobre a adoção nas *Institutas*, é evidente que em relação aos seus antecessores, o tema era mais importante para ele.

No seu comentário sobre 2 Coríntios 1.20, ele afirma que “de todas as promessas que em Cristo são ‘sim’ e ‘amém’, o mais importante é ‘pelo qual Ele nos adota como Seus filhos’. Isto significa que Cristo é ‘a causa e raiz de nossa adoção’”.¹⁶ Nas *Institutas*, Calvino afirma que “a autoridade de todo o Evangelho é abraçada na adoção e na efetivação da salvação”.¹⁷ Isso ele descompacta no preâmbulo do seu comentário de Efésios: “A maravilhosa misericórdia de Deus resplandece no fato de que a salvação dos homens flui de Sua adoção livre como Sua verdadeira e nativa origem”.¹⁸

É uma pena que o arranjo das *Institutas* não reflète o importante papel que a doutrina ocupa em sua teologia, por esse motivo o calvinismo posterior não a apurou. E isso se deve em parte à decisão de Calvino de não atribuir à doutrina uma seção nas *Institutas*.

Não surpreendentemente, John Knox (c.1515-1572), depois de ter passado alguns anos na Genebra de Calvino, também menciona a adoção, capturando assim, em parte, um pouco da atmosfera familiar presente na obra de Calvino, embora o calvinismo fosse recuar dela mais tarde. Encontramos isso especialmente no longo panfleto de Knox - *Sobre a Predestinação em Resposta às Acusações Levianas por um Anabatista, 1560*. Lá ele menciona a adoção, mas apenas em conexão com a predestinação.

Apesar do interesse de Calvino e John Knox, não demorou muito até que o sentido filial ou familiar da teologia reformada fosse perdido. Aqui podemos apenas observar o fato de que Heinrich Heppe em sua *Dogmatica Reformada* menciona a adoção em referência a somente três teólogos: Andreas Hyperius (1511-1564), Franciscus Burman (1628-1679) e Johann Heinrich Heidegger (1633-1698). Apesar da *Dogmática Reformada* ser uma fonte secundária, suas alusões escassas certamente ressoam com o que sabemos da perda do perfil de adoção nas discussões teológicas do protestantismo continental do século XVII. Dito isso, dois outros teólogos interessados da Segunda Reforma Holandesa vêm à mente. “Primeiro, houve Wilhelmus Brakel (1635-1711), de Rotterdam, que incluiu um capítulo sobre adoção na seção soteriological do *The Christian's Reasonable Service*. Então Alexandre Comrie (1708-1774) distinguiu a segurança da retidão da fé da certeza da adoção; a primeira sendo dependente de uma obra indireta do Espírito para ajudar o raciocínio do crente e a última sendo divinamente reservada para uma minoria de crentes em um ato direto e imediato do Espírito para selá-los”.¹⁹

Na Inglaterra, por sua vez, os puritanos, que tinham sido influentes no desenvolvimento do puritanismo holandês por meio do trabalho de Willem Teellinck (1579- 1629), estavam ocupados desbravando novos caminhos. Ironicamente, a mesma assembleia que elaborou um capítulo de credo inspirador sobre a adoção parou de fazer da paternidade de Deus e da adoção as reguladoras das normas que produziram. Assim, apesar de suas ênfases experimentais, “o

ensino puritano sobre a vida cristã, tão forte de outras formas, foi notavelmente deficiente aqui, e isto é uma razão pela qual más compreensões legalistas dela tão facilmente surgirem”.²⁰

Os puritanos deixaram, portanto, um legado ambíguo. Enquanto seria errado afirmar que eles negligenciaram a adoção, suas abordagens deixaram muito a desejar. Certamente houve um conteúdo filial ou familiar em alguns de seus sermões, mas, com a exceção das exposições dos Catecismos Menor e Maior, somente uns poucos dos puritanos lidaram com a doutrina como um lugar teológico distinto. Exceções notáveis incluem William Ames (1576-1633) e suas *Vinte e Sete Características de Adoção*, Thomas Watson com seu capítulo sobre adoção em *A Body of Divinity*, como também Herman Witsius (1636-1708) em *The Economy of the Covenants between God and Man*. Típico dessas abordagens é a prática de ler a doutrina de Paulo em João, confundindo assim os modelos distintivos dos apóstolos da adoção e do novo nascimento. Subsequentemente, a prática tornou-se formalidade na tradição.

E é assim que tem sido a história teológica da doutrina da adoção. O seu fim abrupto reflete o fato de que o advento da teologia liberal, com sua adoção de uma paternidade universal de Deus e da fraternidade do homem, fez, surpreendentemente, tão pouca justiça à adoção como o fez a visão conservadora com aspectos jurídicos da salvação.

Os novos desenvolvimentos a respeito da doutrina da adoção que se viu no século XX foram, em grande parte, uma repetição da ênfase metodista em devoção filial e familiar, como se tornou manifesto no movimento neopentecostal. Mesmo então, o foco no Pai não podia ser garantido. Na última parte do século XX, Tom Smail, um ex-líder do movimento, estava lamentando a sua imatura autoabsorção, dizendo: “Uma renovação em perigo de ser dominado pelo desejo dos cristãos para ter suas percebidas necessidades espirituais, emocionais ou físicas satisfeitas, ou pela busca do poder neopentecostal, precisa ser convertida da sua própria preocupação de si mesmo a uma nova obediência ao propósito universal e à vontade do Pai. A renovação encontrará um significado expansível e vida, não dentro de sua própria evolução interna, mas apenas enquanto ela busca para ver o que o Pai está fazendo”.²¹

No que diz respeito ao neopentecostalismo, os comentários de Smail são relevantes para todos nós. Não precisamos nem de uma autossuficiência, nem de uma Jesuologia equivalente a cristomonismo prático que marca demasiadas vidas cristãs, mas um trinitarianismo robusto que, nas palavras de Smail, “não começa com a cruz de Jesus ou com o dom do Espírito Santo, mas com o Pai que amou tanto o mundo que deu o seu Filho em seu Espírito”.²²

Com certeza, muitos afirmariam o mesmo. Contudo, se isso é tão óbvio que não há necessidade de prova ou de explicação, então por que as ideias dos teólogos anteriores continuaram a definhar nos arquivos da igreja, com sua potencial contribuição ao desenvolvimento da soterologia permanecendo inexplorado até o dia de hoje? Certamente

chegou o tempo para a discussão seguir em frente, a começar da documentação da adoção, tão negligenciada, à apropriação intencional dos recursos necessários para integrar finalmente a doutrina da adoção na teologia cotidiano da igreja.

Douglas Kelly concorda, dizendo: “Como James I. Packer observou há muitos anos em *O Conhecimento de Deus*, cristãos reformados falharam em resolver passo por passo a doutrina da adoção”.²³ Declarações como essas promovem o comentário familiar de que adoção é o aspecto negligenciado na *ordo salutis* reformada. E tais generalizações têm encontrado um grau de confirmação na atenção mínima que muitas teologias sistemáticas reformadas dão para a adoção. A verdade é que a doutrina da adoção tem sido amplamente negligenciada na história da igreja e ainda hoje permanece negligenciada dentro de uma boa parte da igreja evangélica.

CAPÍTULO 2

ADOÇÃO: O QUE É?

Talvez uma razão pela qual deixamos de apreciar o privilégio de sermos adotados como filhos de Deus é porque nunca nos consideramos órfãos. Nós tendemos a pensar que, por natureza, todos são filhos de Deus. E devido à persistência do pelagianismo que tem permeado a igreja durante os anos é necessário reafirmarmos que nem todos os homens são filhos de Deus por mero nascimento, por isso a adoção é necessária.

Hoje em dia ouvimos: “Todos nós somos filhos de Deus”. Mas se isso é verdade, por que então Deus nos adota? Ninguém adota seu próprio filho. Você é adotado para se tornar filho de Deus. E por que então Deus me daria o direito de tornar filho dEle se já o sou? João 1.12 afirma: “Mas a todos que o receberam, aqueles que creram em seu nome, ele deu o direito de se tornarem filhos de Deus”. Eu não tenho que me tornar algo que já sou. E em Apocalipse 3.19 se registra: “Eu repreendo e disciplino todos que eu amo”. Quem você ama e disciplina? Seus filhos, não os dos outros. Assim, nem todos nós somos filhos de Deus. Somente aqueles que Ele adota são Seus filhos.

Mas, o que é adoção? É o Deus eterno graciosamente estabelecendo um relacionamento com os seres humanos caídos, criaturas que são por natureza “filhos da desobediência” (Efésios 2.2) e “filhos da ira” (Efésios 2.3). Ou como o Catecismo Maior da Confissão de Fé de Westminster afirma:

“Adoção é um ato da livre graça de Deus, em seu único Filho Jesus Cristo, e por amor dEle, pelo qual todos os que são justificados são recebidos no número dos filhos de Deus, trazem o seu nome, recebem o Espírito do Filho, estão sob o seu cuidado e dispensações paternas, são admitidos a todas as liberdades e privilégios dos filhos de

Deus, feitos herdeiros de todas as promessas e coerdeiros com Cristo na glória”.¹

Em Efésios 1.4-5, Paulo escreve: “Em amor ele nos destinou para sermos adotados como filhos”. Assim a palavra grega que ele usa por “adotados” é *huiiothesia*. É a mesma palavra que ele usa mais quatro vezes no Novo Testamento: Romanos 8.15, 23; 9.4; e Gálatas 4.5.

No texto de Romanos 8.15 tem-se: “Pois vocês não receberam um espírito de escravidão, para que outra vez tenham medo, mas vocês receberam o Espírito que os faz filhos de Deus por adoção, por meio do qual clamamos: ‘Aba! Pai!’”

Já no verso 23 do mesmo capítulo: “E não somente a criação, mas nós, que temos o Espírito como a primeira parte da nossa herança, também gememos dentro de nós mesmos enquanto esperamos ansiosamente por nossa completa adoção, quando será revelado diante do mundo inteiro que somos os filhos de Deus; ou seja, a redenção dos nossos corpos”.

Em outro capítulo do mesmo livro, a saber Romanos 9.4: “Eles são os israelitas, escolhidos para serem filhos adotivos de Deus”. Já em Gálatas 4.5: “para comprar a liberdade daqueles que estavam debaixo da lei, para que pudéssemos ser adotados como filhos de Deus”.

A palavra *huiiothesia* é construída por meio de duas outras palavras. *Huios*, sendo a primeira palavra, significa filho. Mas isso não significa apenas filho no sentido de uma criança do sexo masculino; é mais que isso. Jesus nunca é chamado de *teknon* de Deus, o que significa criança pequena. Ele sempre é chamado o *huios* de Deus. É um filho maduro; alguém que se identificou com a vontade de seu pai. A segunda palavra é *tithemi*, que significa colocar. Assim, *huiiothesia* significa “colocar como filho”. Em outras palavras, adotar. Assim, temos que notar que adoção no Novo Testamento não significa o que ela normalmente significa hoje, tomar uma criança e fazer dela um membro legal da família. O significado literal da palavra grega é “filho-colocando”; tirando alguém de uma família e o colocando numa outra família. Não é uma criança que não tem uma família, um órfão, mas um rapaz que tem uma família da qual ele é retirado e colocado numa outra. Refere-se a um lugar e condição dada para aquele que não tem direito natural a ele. É importante aqui esclarecer o que a adoção não é. Não é “fazer” de alguém filho, mas “colocá-lo” como filho. Não é fazendo alguém apenas um membro da família, mas, colocando-o na família como filho e na posição do próprio herdeiro legítimo. Não é um processo criativo, mas um processo redentor.

Na carta em que Paulo escreve para a igreja de Éfeso, cidade localizada na costa ocidental da Ásia Menor, ele apela para a seu entendimento grego e romano. Ele usa um termo legal que se encontra na cultura romana quando ele afirma *adotados como filhos*. Na lei romana, um filho adotivo, apesar de ser trazido à família pela graça, tinha todos os privilégios de um verdadeiro filho daquela família. O termo significava adotar um filho completamente, legalmente, de forma permanente, como herdeiro de tudo o que se tinha. A história nos diz que,

quando o Novo Testamento foi escrito, entendeu-se que uma adoção nunca poderia ser revogada.

No primeiro século, quando Paulo estava escrevendo, crianças adotadas foram, em muitos casos, mais honradas do que os filhos naturais. Em todos os casos, a adoção foi vista como uma honra; capacitando-os a dizer num mundo de filhos ilegítimos e órfãos que: “Eu fui escolhido por alguém. Eu não simplesmente nasci numa família e recebi o que ela tem; eu fui escolhido”. Ser adotado era uma coisa nobre. Um filho adotivo era deliberadamente escolhido pelo pai que adota para perpetuar o nome dele e herdar a sua propriedade.

Quando um pai no mundo grego não tinha um filho, ele ia buscar o mais nobre filho disponível e adotava-o, dando-lhe todos os direitos e privilégios. Em nada ele era inferior; na verdade, ele era escolhido porque possivelmente era superior. Houve muitos pais que tiveram filhos biológicos, mas seus filhos não tinham as qualificações para administrar o patrimônio da família, então esses pais saíam e encontravam alguém que os satisfizesse. Um filho adotivo podia receber a alegria do afeto de seu pai mais do que um filho nascido naturalmente, e ele podia muito bem reproduzir os padrões morais de seu pai com mais perfeição do que os filhos naturais.

Assim se um homem visse um filho que ele desejasse e aquele filho pertencesse a outro pai, este teria de passar por um processo muito burocrático para conseguir que aquela pessoa deixasse a *patria potestas* romana entregando ao controle de outro pai. A *patria potestas* era o poder absoluto do pai sobre sua família; o poder do descarte e controle absoluto. No início era o poder de vida e de morte. Em relação ao pai, um filho romano nunca chegou à maioridade. Não importava quantos anos ele tivesse, ele ainda estava sob a *patria potestas*, em posse absoluta e sob o controle absoluto de seu pai. Obviamente, isso tornou o processo de adoção por outra família muito difícil e um passo muito sério.

No processo da adoção havia dois passos. O primeiro era chamado *mansupoteo*, a partir do qual nós temos a palavra emancipação. O *mansupoteo* era realizado sob uma espécie simbólica de venda. Se o pai concordasse em deixar seu filho ser adotado por outro homem, eles iam para essa venda simbólica, na qual usavam-se algumas balanças e cobre. Usava-se esse simbolismo para realizar uma espécie de transação: “Eu estou vendendo este jovem a você”. Eles faziam isso três vezes. Duas vezes o pai vendia simbolicamente o filho e duas vezes ele o comprova de volta e, então, na terceira vez ele não o comprava de volta e o *patria potestas* era quebrado. Após a venda, havia uma cerimônia chamada *vindacateo* e o pai adotivo ia ao magistrado romano e apresentava um quadro legal para a real transferência legal da pessoa a ser adotada para o seu próprio *patria potestas*. E quando tudo isso estava completo, a adoção estava feita.

Ora, havia quatro consequências principais de uma adoção romana. Primeiro, a pessoa

adotada perdia todos os direitos em sua família original e ganhava todos os direitos em sua nova família, todos os direitos de um filho legítimo. Em segundo lugar, ele se tornava herdeiro do patrimônio de seu novo pai, mesmo se houvesse outros filhos. E caso não houvesse filhos e depois da adoção nascessem outros filhos na família, isso não afetaria o direito do adotado de ser o preeminente. Ele era um herdeiro inalienável identificado. Em terceiro lugar, de acordo com a lei romana, a antiga vida da pessoa adotada era completamente anulada. Se ela tinha dívidas, elas eram canceladas, se ela tinha qualquer registro de crime, este era abolido. Eles apagavam todos os registros, como se essa pessoa nunca tivesse existido, como se nunca tivesse nascido. A pessoa adotada era considerada como uma nova pessoa entrando em uma nova vida sem passado. E em quarto lugar, aos olhos da lei romana, a pessoa adotada era literalmente e absolutamente o filho de seu novo pai, em todos os sentidos. Há um caso na história romana, citado por William Barclay, que mostra como isso era verdade. O imperador romano Cláudio adotou Nero para que ele pudesse sucedê-lo como imperador. Claudio tinha uma filha chamada Octávia e Nero desejava se casar com ela para selar a aliança. Embora não fossem relações de sangue, aos olhos da lei, eles eram agora irmão e irmã e não podiam se casar. O senado romano teve de aprovar uma lei especial a fim de que eles pudessem se casar.

A maioria de nós está familiarizada com o ato de adoção. Uma criança órfã é trazida à nova família e tratada como um filho natural e recebe todos os direitos e privilégios que pertencem a este relacionamento. No entanto, o apóstolo Paulo lida com a ideia de adoção em sentido espiritual. Ele usa o termo adoção para indicar o ato da graça de Deus, por meio do qual a pessoa que recebe a Cristo se torna filho de Deus. O relacionamento do crente com Deus como seu filho é possibilitado pelo novo nascimento.

Em João 1.12-13 temos: “Mas a todos que o receberam, aqueles que creram em seu nome, ele deu o direito de se tornarem filhos de Deus. Filhos que nasceram de novo, não por nascimento físico, nem por desejo da sua própria natureza, ou por plano humano, mas nasceram de Deus”.

No entanto, a adoção é o ato de Deus pelo qual o adotado é colocado na posição ou cargo de filho adulto.

Em Gálatas 4.1-7, Paulo afirma que: “(...) enquanto o herdeiro é criança, ele não é diferente de escravo, embora sendo dono de tudo. Ele está sujeito a guardiões e administradores até o tempo determinado por seu pai. Da mesma maneira, nós também, quando éramos crianças, éramos escravos debaixo dos ensinamentos elementares de sistemas religiosos. Mas quando o tempo certo chegou, Deus enviou seu Filho, nascido de uma mulher, nascido debaixo da lei, para comprar a liberdade daqueles que estavam debaixo da lei, para que pudéssemos ser adotados como filhos de Deus. E porque vocês são filhos, Deus enviou o Espírito do seu Filho

aos nossos corações, que clama: “Aba! Pai!” Então você não é mais escravo, mas filho; e se é filho, então também herdeiro de Deus por meio de Cristo”.

Assim, ele tem todos os privilégios de filho natural e é considerado como filho natural. Isso significa que perdemos todos os direitos e todas as reivindicações do nosso passado e ganhamos todos os direitos e privilégios de nossa nova família. Nós nos tornamos herdeiros do patrimônio de nosso Pai. Nossa vida passada é obliterada, apagada e nós somos literalmente e absolutamente os filhos de Deus. Em todo o Novo Testamento, percebe-se essas imagens repetidas, vez após vez, de que ao se tornar cristão você adentra a própria família de Deus. Você não fez nada para ganhá-lo. Você não fez nada para merecê-lo. Você não fez nada para escolhê-lo. Deus, o grande Pai, em seu amor e incrível misericórdia, tomou a iniciativa de estender a mão a você e atraí-lo para sua família, apagando o seu passado e dando-lhe nova vida.

Ao contrário da visão mundana que retrata Deus como senhorio ausente, desconectado e distante da humanidade, a Bíblia retrata um Deus de envolvimento relacional e de integridade. Desenhando o elo entre a essência relacional de Deus e seu desejo de adotar, C. Baxter Kruger afirma: “Não é por acaso que quando o apóstolo Paulo estava lidando com o propósito eterno de Deus para a humanidade, ele escolheu a palavra adoção para descrevê-lo. A ideia básica da adoção é incluir. Isso significa que aquele que é estrangeiro, fora do círculo familiar, é trazido em graça e amor para dentro do círculo familiar. E o propósito desse ato de adoção é para que a pessoa de fora possa compartilhar da vida da família. Todo aquele incompreensível ato de criação é impulsionado pelo desejo de compartilhar o grande baile conosco”.²

2.1 Por meio de Cristo

Nós não podemos esquecer que a nossa adoção veio com preço nada barato. Efésios 1.4-5 diz: “Em amor ele nos predestinou para sermos adotados como filhos por meio de Jesus Cristo”. Nossa adoção veio “por meio de Jesus Cristo”; isto é, a sua morte na cruz em nosso lugar. Como 1 Pedro 1.18-19 que concorda ao dizer: “Pois vocês sabem que Deus pagou um preço para libertá-los das suas vidas vazias que herdaram dos seus antepassados. E ele não pagou com coisas perecíveis, como ouro ou prata, mas com o precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro sem mancha ou defeito”. Assim, adoção não é um direito. É um ato de graça, pela graça. Não há nenhum homem depravado pela natureza de Adão que tenha o direito de fazer parte da família de Deus.

Em Gálatas 4.4-5, Paulo apresenta a adoção como o objetivo de redenção: “Mas quando o tempo certo chegou, Deus enviou seu Filho, nascido de uma mulher, nascido debaixo da lei, para comprar a liberdade daqueles que estavam debaixo da lei, para que pudéssemos ser adotados como filhos de Deus”. É o clímax da redenção. Mesmo que, no princípio, a criação do homem foi o clímax e coroa da obra da criação de Deus, a adoção de filhos é o clímax e

coroa da obra da redenção de Deus. Deus, o Filho, foi enviado por Deus, o Pai, a fim de que a nossa filiação perdida pudesse ser restaurada e exponencialmente melhorada por meio do dom de adoção.

CAPÍTULO 3

ADOÇÃO E O ORDO SALUTIS

“A *ordo salutis* descreve o processo pelo qual a obra da salvação trabalhada em Cristo é subjetivamente realizada no coração e na vida dos pecadores. Ela tem como alvo descrever a ordem lógica bem como as relações dos vários movimentos do Espírito Santo na aplicação da obra da redenção”.¹

Robert Peterson observa como poucos teólogos abordam a questão da adoção, mas quando eles a abordam, muitas vezes a colocam em contextos diferentes. Por exemplo, ele observa que “Hodge, Berkhof e Hoekema a tratam como um subconjunto da justificação”.² E ele, de uma maneira correta, pergunta, e ele mesmo responde: “Por que a confusão? Há pelo menos duas razões. A primeira sendo que os teólogos diferem quanto ao local onde colocar a adoção em relação a outras doutrinas, porque eles a consideram como reflexão tardia, mal merecendo atenção em seu próprio direito”.³

É necessário que haja no estudo da doutrina da adoção e do enquadramento que se estabelece da natureza relacional de Deus, pelo menos, a familiarização com três doutrinas fundamentais da fé cristã que são a justificação, a santificação e a regeneração. Todas as três apontam para a restauração do relacionamento entre Deus e a humanidade. Todas as três constroem-se umas sobre a outras, como uma escada onde no degrau mais alto encontramos a doutrina da adoção. Essa seção não tem a intenção de rebaixar ou marginalizar essas doutrinas e sua importância na vida do crente; mas, sim, destacar que as suas nuances sutis apontam para uma visão mais abrangente de nossa aceitação posicional e primogenitura diante de Deus.

Justificação, santificação, regeneração e adoção são todos termos teológicos que estabelecem o padrão de restauração por um Deus santo. Como vários tons da mesma cor, todas elas têm semelhanças, porém ainda com diferenças pequenas e sutis. Embora fundamentalmente levem ao mesmo fim, não é a “divisão dos fios de cabelo” que nos leva a explorar o delineamento sublime entre sua definição e sua linha do tempo na vida do cristão. Se você fosse detalhar como Deus salva as pessoas, seria mais ou menos assim: eleição, chamado, regeneração, conversão, justificação, adoção, santificação, perseverança, glorificação. Cronologicamente, a adoção acontece no momento da conversão, ao mesmo tempo em que

Deus nos justifica.

3.1 Justificação

A doutrina da justificação se ocupa do relacionamento e dos meios de se construir esse relacionamento. Foi o próprio Calvino que declarou que a justificação é “a principal dobradiça de que a fé cristã depende”.⁴ Na justificação, Deus volta-se para os seres humanos e inicia um relacionamento que a humanidade caída é incapaz de iniciar por conta própria. Ou como John H. Leith tem falado: “Justificação no sentido objetivo é o ato eterno de Deus pelo qual Ele aceita como não alienado aqueles que são realmente distantes dele pelo pecado; é um reflexo de sua misericórdia e graça para a humanidade caída”.⁵

Segundo o teólogo Packer “alguns livros sobre doutrina cristã (o de Berkhof, por exemplo) tratam a adoção como uma simples subdivisão da justificação, mas isso não é apropriado. As duas ideias são distintas e a adoção é a mais sublime. A justificação tem conotação forense, concebida em termos da lei, tendo Deus por juiz. Na justificação, Deus declara que os cristãos penitentes não são e nunca serão sujeitos à morte merecida por seus pecados porque Jesus Cristo, mediante a substituição e o sacrifício, provou a morte na cruz no lugar deles”.⁶

A justificação é fundamental para o estabelecimento do nosso relacionamento com um Deus santo que não pode e não vai nos aceitar em nossa condição pecaminosa. Mas a justificação pode, como qualquer processo legal, ser estéril, sem emoção e desprovida de contexto relacional desde que seja vista apenas por natureza jurídica. Aqui nós podemos ver a diferença entre justificação e adoção. A justificação é a bênção primária, fundamental do evangelho; ela atende a nossa necessidade espiritual mais básica, perdão e reconciliação com Deus. Nós não poderíamos ser adotados sem ela. Mas a adoção é a bênção mais rica, porque ela nos traz da sala do tribunal para a família. “Justificação é concebida em termos de lei, a adoção em termos de amor. Justificação vê Deus como um juiz, a adoção como um pai”.⁷

Agora devemos perguntar: “O Apóstolo Paulo ensina que a justificação e adoção são a mesma coisa?” Não. Pelo contrário, as doutrinas se sobrepõem. “Os pecadores são ambos adotados e justificados pela graça de Deus mediante a fé no Filho de Deus. Além disso, justificação e adoção são, ambas, metáforas legais. No entanto, isto é onde os dois divergem, porque ocorrem em lugares diferentes do tribunal. Justificação ocorre na divisão criminal do tribunal, enquanto a adoção ocorre no tribunal de família. De sua livre graça, Deus, o juiz, declara justos pecadores condenados, quando eles confiam em Jesus como Senhor e Salvador. De sua livre graça, Deus, o Pai, coloca para dentro da sua família todos os escravos do pecado que confiam em seu único Filho como seu Redentor”.⁸

Ao expor o Catecismo Menor, Samuel Willard enfatiza que a Bíblia distingue

claramente entre justificação e adoção. “As Escrituras deixam claro que uma coisa é ser julgado justo e outra ser colocado entre os filhos de Deus; uma coisa é Deus nos tratar como um juiz, outra é nos aceitar como um Pai, com todo o amor e cuidado que isso envolve. Justificação envolve um relacionamento jurídico; adoção, um relacionamento pessoal”.⁹

Deus toma aqueles que eram estranhos às suas promessas e os torna um com Ele.

Eféios 2.19 temos: “Então, vocês que não são judeus não são mais estrangeiros ou alguém de fora, mas cidadãos junto com todo o santo povo de Deus e membros da família dele”.

Isto em seu núcleo essencial é uma restauração de um relacionamento, um relacionamento que foi violado e cortado por ofensa (pecado). Pois justificação é um termo legal ou judicial em que o pecador, pela graça e misericórdia de Deus, é declarado restaurado e perdoado. Embora o termo justificação seja posicionalmente preciso em seus princípios de restauração, falta nele o íntimo carinho familiar que o termo adoção transmite. Uma coisa é estar diante do juiz e ter sua pena perdoada e apagada do seu registro, que é a justificação, e outra bem diferente é quando esse mesmo juiz envolve seus braços em torno do ofensor e leva-o para morar com ele em sua casa. “Estar bem com Deus, o juiz, é uma grande coisa, mas ser amado e cuidado por Deus, o Pai, é ainda maior”.¹⁰

Deus poderia ter nos justificado sem nos adotar. No Antigo Testamento temos um exemplo de justificação sem “adoção”: o relacionamento fraturado e estranho entre o rei Davi e seu filho Absalão, que se assemelha a um estado de justificação sem adoção. Pois, quando Absalão voltou a Judá, depois de ter sido exilado por ter assassinado seu irmão Amnon, ele é reintegrado por seu pai, o rei (2 Samuel 14-15), e assim é justificado, por assim dizer, diante do rei. Seu crime foi perdoado. Porém, é evidente que a familiaridade carinhosa do relacionamento pai e filho não é totalmente restaurada. Absalão é perdoado de seus crimes perante o juiz, mas não mais come na mesa de seu pai. A lei já não o condena, mas seu pai ainda se recusa a abraçá-lo. Deus não lida com a gente assim, logo, todos aqueles que ele perdoa em justificação, Ele também abraça em adoção. “A justificação é a bênção básica sobre a qual a adoção é fundada; a adoção é a bênção maior, para a qual a justificação abre o caminho”.¹¹

Embora a adoção não seja a maneira que entramos na família de Deus, é o caminho pelo qual passamos a desfrutar plenamente a família de Deus. Justificação nos dá perdão e reconciliação com Deus.

3.2 Regeneração

“Adoção nos dá os direitos de filhos. Regeneração nos dá a natureza de filhos. Somos participantes de ambos, pois somos filhos”.¹² Em outras palavras, nós entramos na família de Deus pela regeneração quando “nascemos do Espírito” (João 3.8), pois “a todos que o receberam, aqueles que creram em seu nome, Ele deu o direito de se tornarem filhos

(literalmente ‘os nascidos’) de Deus” (João 1.12). Na regeneração, o Espírito nos faz filhos de Deus, enquanto que na adoção Ele nos dá a posição, os privilégios e as responsabilidades dos filhos de Deus. Deus poderia ter somente nos regenerado, nos dando uma nova vida, mas incrivelmente Ele também nos agraciou com adoção, tornando-nos seus filhos. Como Wayne Grudem diz: “Quando nós começamos a perceber a excelência dessas bênçãos (como filhos adotivos de Deus) e quando apreciamos que Deus não tem nenhuma obrigação de nos dar qualquer uma delas, então somos capazes de exclamar com o apóstolo João: ‘Vejam como é grande o amor que o Pai tem nos dado, a ponto de sermos chamados filhos de Deus; e de fato o somos!’”.¹³

Quando um casal adota uma criança, é uma bela experiência. Eles podem dar a essa criança seu nome, seu endereço, sua casa, sua riqueza; mas eles não podem dar a essa criança adotada a sua natureza. Essa criança sempre terá a natureza de seus pais biológicos. “Adoção e regeneração acompanham uma a outra como dois aspectos da salvação que Cristo traz, mas elas devem ser distinguidas”.¹⁴

Você pode ser tentado a pensar que nós nos tornamos filhos de Deus pela regeneração desde que a imagem de ser “nascido de novo” nos faça pensar em crianças que estão nascendo em uma família. Mas o Novo Testamento nunca conecta adoção com regeneração. Na verdade, a ideia de adoção é completamente oposta à ideia de ter nascido em uma família. E da mesma forma que justificação não é adoção, é preciso ficar claro que adoção e regeneração não são sinônimos. “Na regeneração nos é dada a nova natureza; tornando-nos participantes da natureza divina. Nós nos tornamos novas criações, novas criaturas. Mas isso não é adoção. Num certo sentido, a adoção é uma combinação de justificação e regeneração. É a nova criatura em um novo relacionamento com Deus, como filho de Deus”.¹⁵

A regeneração, então, lida com a nossa natureza, os nossos corações pecaminosos que “bebem a iniquidade como água” (Jó 15.16). Deus muda a nossa personalidade que ama pecado pelo novo nascimento. Em outras palavras, depois de mudar o nosso estado e nos adotar em sua família como seus filhos, Deus não permitirá que continuemos nos comportando como filhos do diabo. Ele garante que não podemos fazer isso; Ele nos dá uma natureza e uma semelhança para coincidir com nossa filiação, por um nascimento do céu. Nosso título como filho de Deus torna-se então intimamente relacionado à nossa própria experiência. “Nós não somos mais o que uma vez que fomos (1 João 3.9). Deus fez o que nenhum pai ou mãe pode fazer quando adota uma criança, mudar a personalidade e a natureza da criança que adotaram para que sejam como a deles. Mas Deus, na regeneração, permitiu que seus filhos nascidos de novo se tornassem participantes da sua própria natureza amorosa e santa”.¹⁶ Confirmado em 1 João 3.9: “Ninguém que é nascido de Deus continua vivendo em pecado, porque a semente de Deus permanece nele; ele não pode continuar pecando, porque nasceu de Deus”.

Ou como Thomas Manton sucintamente tem falado: “A regeneração nos torna participantes da natureza divina; a adoção nos torna participantes dos afetos divinos”.¹⁷ “Regeneração afeta nossa natureza; adoção, os nossos relacionamentos”.¹⁸

“Adoção é o ato pelo qual Deus torna um pecador Seu filho. É a expressão externa do ato interior de conversão e regeneração. É o clímax da ação salvífica de Deus, pois nela vemos o propósito de todo o esforço de Deus para salvar. É para levar o homem à comunhão com Ele”.¹⁹ Adoção é a concessão de um relacionamento, enquanto a regeneração é a transformação de nossa natureza moral. No entanto, a ligação é evidente; Deus quer que seus filhos, a quem ele ama, tenham o seu caráter e tomem as medidas por consequência.

3.3 Santificação

Assim como a justificação não é a adoção e a regeneração não é a adoção, a santificação também não é a adoção. Os puritanos ressoariam bem com a afirmação de J. I. Packer para quem a santificação é “simplesmente viver uma vida consistente com nosso relacionamento filial com Deus, para dentro do qual o evangelho nos traz. É apenas uma questão de o filho de Deus ser fiel ao modelo, fiel ao seu Pai, ao seu Salvador, e a si mesmo. É a expressão de sua adoção na sua vida. É uma questão de ser um bom filho, como distinto de um pródigo ou uma ovelha negra na família real”.²⁰ Isto é confirmado em Filipenses 2.13: “Pois é Deus quem está trabalhando em vocês, dando o desejo e o poder de fazer o que agrada a ele”.

Santidade por um lado é o resultado da regeneração, e por outro é um processo, algo progressivo na vida do cristão; algo que o Espírito Santo faz e do qual nós participamos. Wayne Grudem afirma que “a santificação é uma obra progressiva de Deus e do homem que nos torna cada vez mais livres do pecado e mais semelhantes a Cristo em nossa vida”.²¹ Em outras palavras, o indivíduo deve fazer a sua parte na santificação, diferente da justificação em que ele não tem nenhum papel a desempenhar. Mas santidade não é a maneira de se salvar. Santidade é o resultado de quem já é salvo; é a marca do cristão. São pessoas vivendo de acordo com a sua nova natureza, refletindo a natureza do seu Pai.

CAPÍTULO 4

ADOÇÃO: O MAIOR PRIVILÉGIO

Entre muitas das outras grandes doutrinas da nossa fé como justificação, reconciliação, redenção, santificação e glorificação, a doutrina da adoção, como temos falado, tende a ser negligenciada. Mas, realmente, a adoção é a peça central de todas.

“Os mais profundos indivíduos têm discernimento e revelação da Doutrina da Adoção, mas eles estão sobrecarregados com a sua magnitude, escopo, inclusão, e, portanto, seu

verdadeiro custo e responsabilidade. A adoção, por sua própria natureza, faz referência a um relacionamento que não é natural, portanto, que exige esforço, energia, bondade, misericórdia, compaixão e desejo de iniciar e processar a adoção. A adoção é o maior privilégio que pode ser concedido a uma pessoa, como são carinhosamente incluídos e convidados à família de Deus. Por meio da Doutrina da Adoção, vemos uma extraordinária manifestação da misericórdia e do amor de Deus ao seu povo”.¹

“A nossa filiação a Deus é o ápice da Criação e o objetivo da redenção”.² O propósito de Deus era tanto para resgatar como adotar; não apenas resgatar da escravidão, mas transformar escravos em filhos. Deus nos redimiou a fim de que ele mesmo pudesse nos adotar! A redenção não é o fim da obra de Deus. Adoção de filhos, sim. Deus enviou Jesus Cristo para ser a propiciação por nossos pecados, desviando a Sua ira contra nós e satisfazendo a Sua justiça, mas isso não faz de Deus nosso Pai celestial. Redenção descreve o preço de compra da justiça de Deus, mas a redenção não nos faz Seus filhos. Perdão por crimes cometidos é um grande livramento, mas não nos faz filhos amados de Deus. Justificação remove de nós a culpa e condenação e nos faz justos, mas isso não faz de nós filhos de Deus. Santificação, como um objeto sagrado sem pecado, é maravilhoso, mas também não nos faz filhos de Deus. Considere-o desta forma: você precisa ser justificado para ser adotado, mas você não tem que ser adotada para ser justificada. A adoção nos eleva consideravelmente mais do que qualquer outro aspecto ou faceta de nossa salvação em Jesus Cristo. Devemos dizer com João: “como é grande o amor que o Pai tem nos dado” (1 João 3.1).

“É uma maravilha que Deus nos adotou quando ele já tinha um filho próprio. Nós precisávamos de um pai, mas ele não precisava de filhos”.³ Que maravilha é a adoção! Wilhelmus à Brakel a colocou desta forma: “De ser um filho do diabo para se tornar um filho de Deus, de ser um filho da ira para se tornar o objeto do favor de Deus, a partir de uma criança de condenação para se tornar um herdeiro de todas as promessas e possuidor de todas as bênçãos, e de ser exaltado a partir da maior miséria para a maior felicidade, isso é algo que excede todo entendimento e toda adoração”.⁴

Wayne Grudem o colocou dessa forma: “A adoção[...] é uma grande imagem do que significa ser salvo. Ela começa antes que o mundo foi feito, com Deus nos escolhendo em eleição, e então o chamado do evangelho vem a nós. Ele nos dá nova vida espiritual e regeneração. Arrependemo-nos e cremos em conversão e, em seguida, Deus nos declara não culpados e justos em justificação. Então [...] adoção, um ato pelo qual Deus nos faz membros de sua própria família. E eu vou dizer, que de todas estas coisas que nos vêm como parte da salvação, há uma série de razões para pensar que isso [Deus nos adotando] é a maior bênção de todas”.⁵

Paulo nos fala em Gálatas 4.4-5: “Mas quando o tempo certo chegou, Deus enviou seu

Filho, nascido de uma mulher, nascido debaixo da lei, para comprar a liberdade daqueles que estavam debaixo da lei, para que pudéssemos ser adotados como filhos de Deus”. Deus enviou Seu Filho “para comprar a liberdade daqueles que estavam debaixo da lei”. Ou como algumas versões falam: “Deus nos resgatou”. Resgatar é a ideia de comprar e depois libertar. Deus nos resgatou da escravidão com o preço do sangue de Cristo. “Em Cristo, a nossa liberdade foi comprada com seu sangue” (Efésios 1.7). Mas o propósito de Deus não foi concluído com o resgate; tem algo mais, algo além, a razão da redenção. Ele comprou a nossa liberdade, como a Bíblia nos fala, “**PARA QUE**” – a razão – “para que pudéssemos ser adotados como filhos de Deus”; para que Ele pudesse nos adotar como seus próprios filhos. Ele nos resgatou para nos adotar. A culminação do resgate é adoção. Citando mais uma vez J. I. Packer: “[Adoção] é o maior privilégio que o evangelho oferece: ainda maior que a justificação. (*Justificação nos dá natureza de um filho de Deus, adoção nos dá a posição de um filho de Deus*). Estar bem com Deus, o Juiz, é uma coisa grande, mas, ser amado e cuidado por Deus, o Pai, é maior”.⁶ É uma coisa grande estar bem com Deus, o Juiz, por meio da pessoa e obra de Jesus Cristo. É uma coisa grande ser perdoado do pecado. É uma coisa grande saber que não há e nunca haverá nenhuma condenação para aqueles que estão em Cristo Jesus. É uma coisa grande ser libertado do medo da ira futura. Estar bem com Deus, o Juiz, é uma coisa grande, mas ser amado e cuidado por Deus, o Pai, é maior. Redenção nos liberta enquanto adoção nos leva ao um relacionamento íntimo com Deus; e isto é maior. O perigo é que é possível entender o *grande* e não compreender e viver no bem do *maior*. Paulo está querendo que nós não somente experimentemos o *grande* (“resgatados”), mas também o *maior* (“adoção”). Ele comprou a nossa liberdade **para que** pudéssemos ser adotados como filhos de Deus.

Certamente adoção é o maior privilégio que o evangelho oferece.

CAPÍTULO 5

A REALIDADE POR TRÁS DA NOSSA ADOÇÃO

Confesso que uma das coisas mais constrangedoras que envolve o processo de adotar um filho é a maneira com que você se acha na posição de “escolher”. Lembro-me de que, depois que vimos Samuel pela primeira vez, a moça nos perguntou: “Vocês o querem?” Nós não sabíamos como responder. A pergunta nos pegou de surpresa. Como já falei, fomos para o orfanato naquele dia simplesmente para doar brinquedos. E, de repente, foi colocado diante de nós uma das decisões maiores que tomaríamos das nossas vidas. E não somente nossas, mas do Samuel também. Assim respondemos: “Sim. Se isso fosse a vontade de Deus”. Desde que conheci a minha esposa, falamos em adoção. Queríamos nada mais do que prover um lar para

uma criança que não o tinha. Mas só de pensar como a vida de uma criança está em jogo e baseada na simples resposta de um casal, isso me assusta. Muitas crianças passam a vida inteira numa instituição porque ninguém as quer. Assim, temos que pensar numa outra dimensão para o conceito de escolher ou ser escolhido: a motivação da pessoa que adota.

Na adoção natural, os motivos podem ser nobres, mas também pode existir uma mistura de necessidade pessoal conduzindo a decisão de adotar. Por exemplo, um casal sem filhos pode não se sentir realizado a menos que tenham um filho. No entanto, na adoção espiritual, Deus não tem necessidade da humanidade. Portanto, ele adota com o mais puro dos motivos, de acordo com o seu prazer e vontade. Sua adoção é baseada no seu plano pré-determinado e no seu propósito para nossas vidas. O *Expositor's Bible Commentary* diz assim: “Nós descobrimos que o motivo dessa ação graciosa é a natureza do próprio Deus. Atrás do cumprimento de sua perfeita vontade reside o seu prazer, que lhe traz satisfação, pois representa a expressão do seu ser”.¹

Nossa adoção foi a grande finalidade para a qual Deus, o Pai, nos elegeu. Efésios 1.5: “ele nos predestinou para sermos adotados como filhos por meio de Jesus Cristo...” Desde antes da fundação do mundo, Deus planejou salvar os pecadores e torná-los seus próprios filhos por meio da cruz. Mais uma vez citando Gálatas 4.4-5: “Mas quando o tempo certo chegou, Deus enviou seu Filho, nascido de uma mulher, nascido debaixo da lei, para comprar a liberdade daqueles que estavam debaixo da lei, para que pudéssemos ser adotados como filhos de Deus”. Jason Kovacs escreve: “A adoção não era o plano 'B' na mente de Deus, é o próprio coração e ápice do Evangelho e a missão de Deus de redimir um povo de toda nação, tribo, e língua”.²

A Escritura não deixa dúvidas aqui: antes da aurora da história humana, antes que a terra fosse criada, antes do universo vir a existência pela palavra falada de Deus, Deus nos marcou por adoção como filhos por meio de Jesus Cristo. Spurgeon disse uma vez que ele sabia que Deus deve tê-lo escolhido para salvá-lo antes de ele nascer, porque nada que ele fez depois que ele nasceu causaria isso. A adoção existia na mente de Deus desde a eternidade, antes que ocorresse ao homem adotar. Adoção vertical precede toda a história humana. Adoção existia verticalmente antes que ela existiu na horizontal. O homem não inventou adoção. Deus a inventou.

Perceba o que está em Efésios 1.3-6: “Louvado seja o Deus e Pai do nosso Senhor Jesus Cristo, que tem nos abençoado em Cristo com cada benção espiritual nos lugares celestiais. Pois antes da criação do mundo, ele nos escolheu em Cristo para sermos santos e sem culpa aos seus olhos. Em amor ele nos predestinou para sermos adotados como filhos por meio de Jesus Cristo, conforme o bom propósito da sua vontade, para o louvor da sua gloriosa graça, que ele nos deu gratuitamente no seu Filho amado”. Paulo não podia ser mais claro, enfático ou centrado em Deus, quando afirma que a iniciativa da nossa adoção é de Deus: Deus inicia, Deus nos escolhe.

Não é causado por nossa vontade, mas pelo bom propósito da sua vontade. Ele predestina. Ele adota.

Esse texto de Efésios é um dos mais ricos na Bíblia. Se formos estudar tudo, precisaremos gastar um bom tempo aqui, então vamos atentar somente para os versículos quatro e cinco que já são suficientes em si para o nosso objetivo. Versículo quatro termina com as palavras “em amor”. Infelizmente essas palavras não tem todo o impacto que deviam ter hoje em dia. Até os incrédulos de uma forma deturpada acham que Deus os ama. E mesmo os crentes não veem a grandeza dessa frase. Pois, todo mundo “sabe” que Deus nos ama. É um fato tão velho e tão falado que quase tem perdido seu significado. O primeiro versículo da Bíblia que uma criança aprende na escola dominical é João 3.16: “Pois Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu único Filho da mesma essência, para que todo aquele que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna”. Mas isso não deve desvalorizar a imensidade do seu amor. Deus amou o mundo e isto não apenas de maneira global. Ele amou pessoas individuais. Ele sabia por quem ele estava enviando seu Filho para morrer. E isso é algo que deve nos perturbar um pouco, pois nós sabemos que não somos dignos. Mas a boa notícia é que o amor de Deus nunca dependeu de nós. Nós não temos nada a ver com a razão pela qual Deus nos amou. O final do versículo cinco nos fala do porquê: “conforme o bom propósito da sua vontade”. Fim da história. Não há pessoas boas. Não foi livre-arbítrio. Era apenas a vontade de Deus. “Em amor ele nos predestinou para sermos adotados como filhos por meio de Jesus Cristo, conforme o bom propósito da sua vontade”. Antes da fundação do mundo, Deus nos amou e fez uma escolha baseado no que Ele queria, e assim nos predestinou para sermos seus próprios filhos. Porque Ele nos amou, Ele nos predestinou para sermos adotados como filhos.

Numa adoção, não é a criança que toma a iniciativa. É o pai ou pais que iniciam a inclusão dessa criança na nova família. São os pais que escolhem a criança causando sua adoção. É presunção e sacrilégio pensar que a adoção é a escolha do órfão rejeitado escolhendo um pai!

5.1 Quem Deus Adota

Em nossa adoção não havia nada espiritualmente bonito ou adorável sobre nós enquanto estávamos caminhando para a morte certa. Não houve razão para Deus ser inclinado a nos escolher e colocar sua graça sobre nós, mas em Efésios 1.4 encontramos: “ele nos escolheu”. Ele não diz que nos escolheu devido ou baseado nas escolhas que faríamos, ou porque sabia que seríamos filhos maravilhosos, que seríamos bons ou que iríamos buscá-Lo. Ele não diz que nos amou primeiro, porque sabia que iríamos amá-Lo. 1 João 4.19 fala que é o contrário: “Nós amamos porque ele nos amou primeiro”. Enquanto lidamos com o mistério do por que Deus nos escolheu e não outros, a nós não é dado à resposta neste texto ou em qualquer outro de que

eu estou ciente, mas sabemos que não foi baseado em qualquer coisa em nós que Deus viu ou previu que era lindo ou adorável, aliás, muito pelo contrário.

Romanos 3.10-12: “Não há um justo, nem mesmo um só. Não há ninguém que entenda; ninguém que busque a Deus. Todos se desviaram; todos se tornaram inúteis. Não há ninguém que faça o bem, não há nem um só”. Romanos 5, então, explica que era quando ainda estávamos nesse estado de não sermos bons e não buscarmos a Deus, e enquanto ainda éramos pecadores, que a graça veio até nós. Romanos 5.8: “Mas Deus mostrou o seu amor por nós, em que, quando ainda éramos pecadores, Cristo morreu por nós”. No versículo 10 do mesmo capítulo temos: “quando éramos inimigos de Deus fomos reconciliados com ele por meio da morte de seu filho”.

Quando pensamos em adoção, pensamos num bebê lindinho, doce, mas isso não pode ser mais longe da verdade. Quando Deus nos adotou, éramos seus inimigos e, segundo Efésios 2.2-3, éramos “filhos da desobediência” e “filhos da ira”. Nós não éramos bebezinhos lindos falando “Eu te amo”. Éramos endemoniados cuspidos ódio e mordendo. Não havia nada atraente ou desejável em nós que faria Deus nos adotar. Pelo contrário, éramos repulsivos a Ele por causa dos nossos pecados.

Quando eu falo com pessoas sobre adoção, o maior receio que ouço é sobre o risco. Tem cada história de terror de filhos adotivos que se tornaram maus, drogados, criminosos, etc. Mas se essa fosse a única razão para não adotar, ninguém deveria ter filhos de forma alguma, pois não são somente filhos adotivos que enchem as prisões. Ainda assim, quando você adota uma criança, você não sabe o que ou como ela vai ser. Deixe-me dar um exemplo. No dia 24 de fevereiro, 1955, uma criança chamada de Steven nasceu em São Francisco, filho de uma mãe solteira chamada Joanne Simpson. Joanne era uma estudante na época e achava sua vida muito agitada para criar uma criança, então ela colocou Steven para ser adotado. Ele foi adotado rapidamente por uma contabilista chamada Clara e um mecânico chamado Paul, pais que oferecerem um lar amoroso para ele. Steven se formou em Homestead High School, em Cupertino, Califórnia, e fez apenas um semestre no Reed College, em Portland, Oregon. Durante os próximos 18 meses, ele passava as noites dormindo no chão na casa de um amigo e seus dias catando garrafas de Coca Cola para reciclar e se vestindo como personagens de Alice no País das Maravilhas em um shopping, ganhando US\$3 por hora. Mas em 1974, a sorte de Steven mudou. Ele se tornou um designer para o videogame gigante Atari. Permaneceu na empresa por dois anos antes de sair para iniciar uma nova empresa de computador com dois amigos. Eles escolheram um nome simples para a sua empresa: Apple. Nós o conhecemos como Steve Jobs.

Claro que você não sabe quando adota uma criança se ela será uma das pessoas mais ricas e influentes da sua geração ou não. Pois se fosse assim, todo mundo estaria adotando. Mas para Deus é exatamente o oposto. Ele já sabia quem nós éramos e quem nós seríamos. E o mais

incrível disso é que ele ainda nos adotou. Pense bem, se soubesse que seu filho seria um traidor, um Henry Philips, o “amigo” de William Tyndale que o traiu e foi responsável pela sua morte; ou Marcus Junius Brutus, o filho adotivo de Julius Cesar que o assassinou e de quem vem a famosa frase: “Et tu, Brute?”, ou pior, se soubesse que ele seria Judas Iscariotes, aquele que traiu nosso Senhor com um beijo, você adotaria? Você adotaria um traidor? É bem provável que não. Mas Deus faria e fez exatamente isso quando ele nos adotou.

Nós temos uma opinião elevada demais de nós mesmos. Queremos jogar pedras em Judas, mas, o que é tão diferente em nós? Será que Judas é o único na história que traiu Jesus? A história da última ceia nos fala diferente. Mateus 26.17: “No primeiro dia da Festa dos Pães sem fermento, os discípulos vieram a Jesus e perguntaram: ‘Onde você quer que nós preparemos o jantar da Páscoa para você?’ Vamos lembrar que a Páscoa era uma celebração de quando Deus libertou Israel da sua escravidão no Egito. Não era um momento, tipo, velório, mas uma festa. Continuando com a história em versículos 20-22: “Quando anoiteceu, Jesus se sentou à mesa com os doze discípulos. E enquanto eles estavam comendo, ele disse: ‘Eu falo a verdade a vocês, um de vocês vai me trair’. Os discípulos ficaram muito tristes e começaram a perguntar um por um: ‘Senhor, sou eu?’” Imagine, todo mundo falando e comendo, e de repente Jesus fala: “Um de vocês vai me trair”. De onde veio isso? Podemos imaginar que acabou com o clima de festa. Então os discípulos começaram olhar um para o outro, ninguém se entregando por um olhar desviado e, temendo a resposta, todos fizeram a mesma pergunta, “Senhor, sou eu?” Nós sabemos que era Judas, e Judas sabia que era ele, então por que todos perguntaram? Porque todos sentiram as suas consciências os acusando. Jesus tinha falado sobre o que aconteceria em Jerusalém, e nesse clima, com o potencial para violência, dor e sofrimento, cada um duvidou que se provocado não fosse capaz de ser aquele que trairia Jesus. Todos sabiam da possibilidade.

Um pouco depois, Judas saiu e deixou a possibilidade de trair Jesus se tornar realidade. O pecado maior pertencia a ele por agir, mas, e o restante? Durante o mesmo jantar, Jesus avisou a Pedro: “Simão, Satanás pediu para provar você, mas eu tenho orado por você para que sua fé não falhe”. E Simão deu sua resposta famosa e grandiosa, se não ingênua: “Estou pronto para ser preso e morrer com o Senhor!” E Jesus respondeu: “Eu te falo a verdade, nesta mesma noite, antes que o galo cante, você me negará três vezes”. “Senhor, sou eu?” Sim Pedro, é você. Mais tarde o restante fugiu e se escondeu. “Senhor, sou eu?” Sim, João. Sim, André. Sim, Mateus. Sim, Felipe. Nós olhamos para Judas com um olhar crítico, com uma mistura de ódio e horror. Mas você sabe, eu sei, todos nós somos iguais. Será que você teria sido mais corajoso do que aqueles que abandonaram Jesus e fugiram? Você teria tido a coragem de assumir o que Pedro negou? E será que eu não teria sentido a mesma dor na mesa, como uma faca no meu coração, quando ele falou: “Um de vocês vai me trair”? Nem sei se eu teria tido a coragem de perguntar:

“Senhor, sou eu?” Mas eu fico imaginando eu abaixando a minha cabeça não querendo olhar nos olhos dele. Medo. E eu lá sentindo o seu olhar até eu não aguento mais: “Tá bom! Sou eu! Eu vou te trair!” Pois num sentido não era somente Judas que traiu Jesus; eram todos eles, e todos nós, eu, você. O mais incrível de tudo é que é por esses que Jesus vai morrer. São esses que ele vai resgatar. Ele sabe que todos vão abandoná-Lo e, ainda assim, vai morrer para que possam ser adotados como filhos de Deus. Ele sabia e isso não o impediu. Ele foi até a cruz e nos resgatou e nos trouxe para a família dele e o Pai nos deu “plenos direitos” como seus próprios filhos. 1 João 3.1: “Vejam como é grande o amor que o Pai tem nos dado, a ponto de sermos chamados filhos de Deus; e de fato o somos!”

Nosso Deus é um Pai que adota traidores. Todos nós somos prova disso. “Nós temos o suficiente em nós para mover Deus a nos corrigir, mas nada para movê-lo a nos adotar, portanto, exaltar a livre graça, começar o trabalho dos anjos aqui; abençoa-lo com os seus louvores que abençoou vocês em fazer-lhes seus filhos e filhas”.³

CAPÍTULO 6

ADOÇÃO: PASSADO, PRESENTE E FUTURO.

“Mas quando o tempo certo chegou, Deus enviou seu Filho, nascido de uma mulher, nascido debaixo da lei, para comprar a liberdade daqueles que estavam debaixo da lei, para que pudéssemos ser adotados como filhos de Deus” (Gálatas 4.4-5).

Quando falamos em adoção, qualquer pai que tem adotado um filho lembra-se do dia em que ele o levou para casa. Para nós foi dia 04 de novembro de 2009. Essa data não foi pré-determinado por nós. Na verdade foi nos dito quando tínhamos que aparecer na vara da família para buscá-lo. E quando voltamos, um ano depois, para assinar os papéis finalizando a sua adoção, a partir daquele momento, ele era nosso filho por completo. Agora, quando falamos em termos de adoção por Deus, a Bíblia se refere a ela em três tempos: passado, presente e futuro.

Em Efésios 1 vimos como nossa adoção foi algo predeterminado antes da criação do mundo no coração e na mente de Deus.

Nos versos 3 a 6 do mesmo texto: “Louvado seja o Deus e Pai do nosso Senhor Jesus Cristo, que tem nos abençoado em Cristo com cada benção espiritual nos lugares celestiais. Pois antes da criação do mundo, ele nos escolheu em Cristo para sermos santos e sem culpa aos seus olhos. Em amor ele nos predestinou para sermos adotados como filhos por meio de Jesus Cristo, conforme o bom propósito da sua vontade, para o louvor da sua gloriosa graça, que ele nos deu gratuitamente no seu Filho amado”.

Paulo inicia esta passagem afirmando que Deus recebe todo o louvor na salvação: “Louvado seja o Pai”. Então, no versículo 4 vem a primeira razão pela qual Ele deve ser louvado: “Ele nos escolheu em Cristo para sermos santos e sem culpa aos seus olhos”. O verbo

traduzido “escolheu”, do grego *eklegomai*, foi empregado na forma reflexiva, significando “selecionar para si mesmo”. Isso significa que a ação do verbo retorna à pessoa que a pratica. Paulo estava dizendo que Deus nos escolheu tendo em vista o seu próprio interesse; para Si mesmo, pessoalmente. E a escolha divina foi realizada antes que o mundo existisse. Antes da criação do mundo, ele nos escolheu. No versículo 5, vem uma segunda razão pela qual Ele deve ser louvado: “Ele nos predestinou para sermos adotados como filhos”. Antes de tudo existir, Deus tinha determinado fazer que eu e você fôssemos seus próprios filhos. Isso fazia parte do Seu plano de redenção para nós. Nisso, a escolha dEle foi baseada no que Ele queria e não em algo que Ele viu em nós ou em nossa vontade. “Em amor ele nos predestinou”. Em outras palavras, porque ele nos amou, ele nos predestinou. Mas, o que significa ser predestinado? Ele vem da palavra grega *prohorizo*, que é a união de outros dois termos. *Pro* significa antes, de antemão: algo que acontece antes. E *horizo*, de onde vem a palavra “horizonte”, que significa determinar. Algo estava determinado de antemão, no passado. E em sendo determinado, era fixado por Deus. Em amor Deus nos predestinou. Por meio da escolha divina previamente determinada, fomos predestinados para a adoção como filhos de Deus.

“Adoção, no entanto, não é inteiramente um evento passado. A declaração legal podia ter sido feita e o Espírito podia ter sido dado como pagamento de garantia, mas a consumação da adoção aguarda o futuro, pois a adoção inclui ‘a redenção dos nossos corpos’ (Romanos 8.23). Assim, a adoção é algo esperado, bem como algo já possuído. Adoção, então, é a libertação do passado (regeneração e justificação), a nossa posição e o nosso modo de vida no presente (andando pelo Espírito, santificação), e nossa futura esperança (redenção dos nossos corpos na ressurreição, a glorificação). Ela descreve o processo de se tornar filho de Deus e receber uma herança de Deus”.¹

John Piper nos afirma que a “adoção é uma das realidades mais profundas do universo. Eu digo ‘universo’ e não ‘mundo’, porque a adoção vai além do mundo. É maior do que o mundo e antes do mundo no plano de Deus, e durará mais do que o mundo como nós o conhecemos. Na verdade, é maior do que o ‘universo’ e está enraizada na própria natureza de Deus”.²

A nossa adoção foi algo determinado antes da criação do mundo para acontecer dentro do tempo; num momento também determinado por Deus. Em Romanos, Paulo explica a tensão do aspecto presente na adoção de filhos quando nascemos na família de Deus e Deus nos deu o seu Espírito como garantia de nossa adoção, pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus. Pois vocês não receberam um espírito de escravidão (como quando nós estávamos presos ao pecado e ao nosso “pai” Satanás), para que outra vez tenham medo, mas vocês receberam (agora nesta vida) o Espírito que os faz filhos de Deus por adoção, por meio do qual clamamos: “Aba! Pai!” O próprio Espírito dá testemunho ao nosso espírito que

somos filhos de Deus (Romanos 8.14-16).

Já em Romanos 8 Paulo escreve sobre a tensão no aspecto futuro de nossa adoção como filhos. No versículo 23 assim está: “E não somente a criação, mas nós, que temos o Espírito como a primeira parte da nossa herança, também gememos dentro de nós mesmos enquanto esperamos ansiosamente por nossa completa adoção quando será revelado diante do mundo inteiro que somos os filhos de Deus; ou seja, a redenção dos nossos corpos”. Nossa “completa adoção” se refere ao fato de que fomos adotadas no passado quando Deus nos predestinou. Somos adotados agora como crentes, mas ainda há de acontecer a culminação dos nossos privilégios e posição como filhos adotivos com a nossa futura ressurreição e glorificação (adoção passado, presente e futuro); ou seja, a redenção dos nossos corpos mortais, que já foram resgatados, revestindo-se de imortalidade na glória. Naquele dia seremos como Ele. 1 João 3.2: “Amados, nós já somos filhos de Deus, e ainda não foi revelado o que seremos. Mas sabemos que, quando Cristo for revelado, seremos como Ele, porque nós o veremos como ele realmente é”. Finalmente e para sempre seremos livres do passageiro prazer do pecado!

Nós sabemos que somos filhos de Deus, agora, no presente, primeiro: se somos guiados pelo Espírito de Deus. Guiado implica seguindo; e aqueles que estão habilitados a seguir a orientação do Espírito Santo são indubitavelmente filhos de Deus, pois o Senhor sempre guia seus próprios filhos. Se, então, você está seguindo a orientação do Espírito de Deus, você tem uma das evidências de filiação. Spurgeon uma vez falou: “Ele não diz, ‘todos os que são impelidos pelo Espírito de Deus’. Não, o diabo é que impele, e quando ele entra, quer em homens ou em porcos, ele os impele furiosamente. Lembre-se de como todo o grupo dos porcos desceu violentamente o morro muito inclinado para dentro do mar. Sempre que você vê um homem fanático e selvagem, qualquer que seja o espírito que está nele, não é o Espírito de Cristo”.³

Segundo: se temos recebido o Espírito que nos faz filhos de Deus por adoção, por meio do qual clamamos: “Aba! Pai!” Aba é o nome que Jesus usava quando falava com seu Pai. Marcos 14.36: Ele (Jesus) orava assim: “Aba, Pai, tudo é possível para você. Afasta de mim este cálice. Mas não seja o que eu quero, mas, o que você quer”. O Espírito traz uma resposta em nossos corações para o amor de Deus que clama: “Aba! Pai!”

“A razão pela qual Paulo usa a palavra ‘clamar’ e a palavra aramaica ‘Aba’ é porque ambas apontam para uma profunda, carinhosa, pessoal e autêntica experiência do amor paternal de Deus. Ele não disse que o testemunho do Espírito era que afirmássemos doutrinariamente que Deus é Pai. O diabo conhece aquela doutrina. Afirmações doutrinárias, por mais importantes que sejam, não fazem filhos. O que ele disse foi que o testemunho do Espírito que somos filhos de Deus é que a partir dos nossos corações sob um grito irreprimível, não uma mera declaração, mas um grito: ‘Aba! Pai!’”⁴

“O testemunho do Espírito Santo que você é um filho de Deus não é um testemunho de um coração neutro sem afeição pelo amor paternal de Deus, de modo que seu coração neutro pode tirar a conclusão lógica de que é um filho de Deus e, em seguida, tentar despertar algumas afeições adequadas. Essa não é a imagem. O testemunho do Espírito Santo que você é um filho de Deus é a criação em você de afetos para com Deus. O testemunho do Espírito Santo é o grito ‘Aba! Pai!’”⁵ “Nós não inferimos logicamente a paternidade de Deus a partir do testemunho do Espírito. Nós desfrutamos emocionalmente a paternidade de Deus pelo testemunho do Espírito. O testemunho do Espírito não é uma premissa de que nós deduzimos que somos filhos de Deus; é um poder pelo qual temos prazer em sermos filhos de Deus”.⁶

Gálatas 3.26 também nos fala que nossa adoção é uma realidade presente: “Pois todos vocês são filhos de Deus por meio da fé em Cristo Jesus”. E 1 João 3.1 completa: “Vejam como é grande o amor que o Pai tem nos dado, a ponto de sermos chamados filhos de Deus; e de fato o somos!”

Em certo sentido, nossa adoção ainda não é final porque estamos aguardando o retorno de Cristo e a redenção dos nossos corpos. Falando da nossa adoção futura, Warrem Wiersbe escreve: “Alguns estudiosos acreditam que esta segunda fase da nossa adoção corresponde à prática romana quando um homem adotou alguém fora de sua família para ser seu filho. Primeiro, houve uma cerimônia privada em que o filho foi comprado; em seguida, houve uma cerimônia pública em que a adoção foi declarada abertamente perante os oficiais. Os cristãos têm experimentado a primeira fase: fomos comprados por Cristo e habitados pelo Espírito. Agora estamos aguardando a segunda fase: a declaração pública no retorno de Cristo, quando ‘seremos semelhantes a Ele’ (1 João 3.1-3). Nós somos ‘filhos e herdeiros’, e a melhor parte da nossa herança ainda está por vir” (1 Pedro 1.1-5).⁷

Ainda em 1 Pedro 1.1-5 o escritor afirma: “Estou escrevendo para o povo escolhido por Deus que vive como estrangeiro neste mundo, espalhado pelas províncias do Ponto, da Galácia, da Capadócia, da Ásia e da Bitínia. Vocês foram escolhidos de acordo com o predeterminado plano de Deus, o Pai, para amar e estabelecer um relacionamento com vocês, e separados pelo Espírito para obedecerem a Jesus Cristo e serem purificados por meio do sangue dele. Que graça e paz sejam multiplicadas a vocês. Louvado seja o Deus e Pai do nosso Senhor Jesus Cristo! É pela sua grande misericórdia que ele nos fez nascer outra vez para uma esperança viva por meio da ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para obter uma herança que é imperecível, sem mancha de pecado, e que jamais perderá sua beleza. E ela está guardada no céu para vocês que, por meio da fé, são protegidos pelo poder de Deus para a salvação que está pronta para ser revelada no fim dos tempos”.

Vamos deixar Charles Spurgeon concluir esse capítulo para nós: “Nós estamos aguardando o dia em que nos vestiremos com nossas roupas adequadas e seremos manifestados

como os filhos de Deus. Vocês são jovens príncipes, e ainda não foram coroados. Vocês são noivas jovens, e o dia do casamento ainda não chegou. E por causa do amor que seu noivo lhe mostra, você anseia e suspira pelo o dia do casamento. A sua própria felicidade faz você gemer; sua alegria, como uma fonte cheia a ponto de transbordar, deseja saltar como um gêiser islândico, subindo aos céus. Sua alegria suspira com esforço e geme no fundo de seu espírito porque ela não tem espaço suficiente para se expressar a outros”.⁸

CAPÍTULO 7

O QUE ADOÇÃO SIGNIFICA PARA NÓS: AS CONSEQUÊNCIAS E AS APLICAÇÕES PARA NOSSAS VIDAS

7.1 A segurança de uma nova família

“A adoção como filho de Deus é melhor do que ser filho ou herdeiro de qualquer príncipe terreno, pois o filho do maior potentado pode ser o filho da ira; mas o filho de Deus pela graça, tem Cristo Jesus como seu irmão mais velho, com quem é coerdeiro no céu; ele também tem o Espírito Santo por seu consolador, e o reino dos céus por sua herança eterna”.¹

Alguns anos atrás, eu e minha família fomos ao um abrigo para passar o dia com as crianças. Durante o nosso tempo lá minha esposa viu uma menina bem triste, então se aproximou da menina para conversar, quando a garota explicou que acabou de ser devolvida. Ela tinha sido adotada, mas, o comportamento dela na casa de sua família não era bom. Então, depois de anos, a família a devolveu. Quando a minha esposa me falou isso, eu fiquei indignado. Quem faria uma coisa dessas? A verdade é que uma em cada dez crianças que chega a ser legalmente adotada, é devolvida. A menina estava arrasada, quebrantada e, com lágrimas nos seus olhos, falou para minha esposa: “A culpa foi minha”. Imagine o que todos os outros órfãos no abrigo pensaram quando viram a menina de volta e como isso influenciaria as suas vidas acaso fossem adotados um dia. A alegria de finalmente ter um lar e uma família estaria acompanhado do medo de que um dia tudo poderia acabar, pois a família podia devolvê-lo. Não é assim com Deus. Existe uma segurança em ser seu filho. Nós que somos filhos adotivos de Deus não precisamos viver com o medo de Ele um dia achar algo em nós que não goste ou Lhe desaponte e nos devolva, pois a nossa adoção nunca dependeu de nós e Aquele que nos adotou fez de uma vez para sempre. “Existe muita segurança no amor do Pai por nós, porque a adoção é uma declaração que Deus faz sobre nós. É irreversível, dependente inteiramente da sua escolha graciosa, em que ele diz: ‘Tu és meu filho, hoje eu te trouxe para a minha família’”.²

Robert A. Peterson continua com a mesma linha de pensamento falando: “Adoção é um procedimento legal que assegura a identidade de uma criança em uma nova família. Deus não escolheu ser o nosso pai temporário. Nós não somos expulsos da família por causa de nosso

comportamento. Nós não temos que nos preocupar diariamente se somos bons o suficiente para ser parte da família. Em sua infinita bondade, Deus nos fez parte permanente da sua família. Nada pode desfazer o procedimento legal que me liga a Cristo. Ele morreu para me redimir. Ele assinou os papéis de adoção, por assim dizer, com o seu sangue. Nada pode cancelar a obra que ele fez por mim. Eu sou livre do medo de apostasia”.³

Portanto, temos absoluta segurança e estabilidade na família de Deus. Vemos que a nossa identidade é encontrada em nossa posição diante de Deus. Temos sido feitos filhos.

“Os filhos de Deus podem ser corrigidos por suas falhas, e repreendidos por seu Pai celestial, mas nunca deixados de fora, nem deserdados, muito menos desmentidos, que é impossível; o filho permanece na casa para sempre; e de tal forma que aqueles que são filhos nunca mais são servos; uma vez filho de Deus, é sempre assim”.⁴

Assim podemos dizer: “A segurança da filiação não é reservada para o cristão altamente santificado; é o direito de primogenitura, até mesmo, do crente mais fraco e oprimido. Esta é a sua glória”.⁵

“O decreto de Deus (a respeito da segurança eterna dos santos) é a própria coluna e base da qual a perseverança dos santos depende. Esse decreto amarra o nó de adoção tão rápido, que nem o pecado, nem a morte, nem o inferno, pode quebrá-lo em pedaços”.⁶

O apóstolo Paulo em Romanos 8.38-39 nos fala que: “(...) nada poderá nos separar do amor de Deus: nem a morte, nem a vida; nem anjos, nem principados, nem poderes; nem qualquer coisa do presente, nem do futuro; nem altura, nem profundidade; nem qualquer outra coisa na criação poderá nos separar do amor de Deus que está em Cristo Jesus, nosso Senhor”.

Nossa adoção não termina, ela afilia-se a alguém inseparavelmente, judicialmente, permanentemente à sua nova família. Não é iniciada por nós ou causada por nós, não é dependente de nós ou mantida por nós e não é merecida por nós, mas pelo amor de um Pai. Somos filhos e filhas, sem distinção. Uma vez que somos adotados, não é como se levássemos o título de “adotado” conosco pelo resto de nossas vidas. “Não há ‘filhos adotivos’ de Deus, como uma categoria contínua. Adoção nos diz como nós viemos para a família de Deus. E uma vez que estamos lá, não se faz distinção entre aqueles à mesa de jantar”.

7.2 Comunhão com o Pai

Acredito que Vance Havner resumiu bem quando ele diz: “Eu sou um peregrino e estrangeiro na terra, mas eu não sou órfão”. Nós temos uma nova família e, mais do que isso, um novo pai e tudo o que isso implica.

“Um dos maiores privilégios da adoção do homem é ele ser capaz de falar com Deus como um Pai bom e amoroso. Os cristãos devem orar: ‘Pai nosso que estás nos céus’ (Mateus 6.9), e devem perceber que eles são ‘não mais escravos, mas filhos’ (Gálatas 4.7). Portanto, o

homem pode agora se relacionar com Deus não como um escravo se refere a um senhor de escravos, mas como a um filho para um pai”.⁸

“Você não pode abrir as páginas do Novo Testamento sem perceber que uma das coisas que o torna tão ‘novo’, em todos os sentidos, é que aqui homens e mulheres chamam Deus de ‘Pai’. Essa convicção de que podemos falar com o Criador do universo em termos tão íntimos fica perto do coração da fé cristã. Por meio de Cristo, diz Paulo, temos ‘acesso ao Pai’ (Efésios 2.18). Ao todo, são mais de duzentas referências diferentes a Deus como Pai espalhados por todo o Novo Testamento. Esse é um testemunho surpreendente para o novo sentido da graça de Deus que veio com a mensagem do evangelho”.⁹

R.C. Sproul, no seu livro *Now, That's a Good Question!* disse: “Em toda a história do judaísmo — em todos os livros existentes no Antigo Testamento e em todos os livros existentes de escritos judaicos extra bíblicos que datam do início do judaísmo até o século X d.C. na Itália — não há uma única referência de um judeu falando diretamente a Deus na primeira pessoa como pai. Havia formas apropriadas para designar Deus que eram usadas pelos judeus no Antigo Testamento, e as crianças eram treinadas para falar a Deus em frases apropriadas de respeito. Todos esses títulos foram decorados e o termo Pai não estava entre eles. O primeiro rabino judeu a chamar Deus de ‘Pai’ foi Jesus de Nazaré. Este foi um afastamento radical da tradição e, de fato, em cada oração registrada que temos dos lábios de Jesus, exceto uma, ele chama Deus de ‘Pai’. Foi por essa razão que muitos dos inimigos de Jesus procuraram destruí-lo; ele assumiu ter esse relacionamento íntimo e pessoal com o soberano Deus do céu e o criador de todas as coisas, e ele ousou falar em termos tão íntimos com Deus. Algo ainda mais radical ocorre quando Jesus diz aos discípulos: ‘Orem então assim: Pai nosso’. Ele nos deu o direito e privilégio de entrar na presença da majestade de Deus e fala a Ele como Pai, porque de fato Ele é nosso pai. Ele nos adotou em sua família e nos fez cordeiros com seu Filho unigênito”.¹⁰

Frequentemente nós ficamos longe “à distância [e somos] muito formais; mas a criança pequena vem correndo, entrando logo, [e agarra o seu pai]. O filho tem o direito que ninguém mais tem, é instintivo”.¹¹ Os meus filhos, quando eu estava pastoreando, nunca pensaram duas vezes antes de se aproximar do púlpito enquanto eu estava pregando. Se precisavam me dizer alguma coisa, eles vinham. Eles não se importavam com o que eu estava fazendo. Para a igreja eu era o pastor. Para meus filhos, eu sou seu pai e isso supera sempre qualquer membro da igreja.

Talvez devêssemos “imitar a criança que não tem medo de pedir a seus pais [coisas abertamente], porque ele sabe que pode contar completamente com seu amor”.¹² Somos livres para levar nossos problemas e desejos a Ele sem medo de ser ignorado ou rejeitado. Sabemos também que o Pai nos responderá de acordo com o nosso melhor interesse. Veja, esta é uma

experiência total, abrangendo todos os aspectos de nossas vidas e enchendo-nos com a alegria de saber que somos amados e que podemos descansar em sua presença sabendo que estamos seguros em seus braços eternos.

7.3 Um novo nome

Nosso Pai nos dá a liberdade de recorrer a Ele pelo título de Pai, “Aba”, e nos dá um novo nome, que serve como a nossa garantia de admissão para a casa de Deus como filhos e filhas de Deus conforme vimos em Apocalipse 2.17: “Aquele que tem ouvidos para ouvir, ouça o que o Espírito diz às igrejas. Para aquele que vencer eu darei um pouco do maná que foi escondido. Darei também a ele uma pedra branca, e na pedra estará gravado um novo nome que ninguém mais conhece, a não ser aquele que o recebe”.

No mesmo Apocalipse 3.12 o autor ainda diz: “Aquele que vencer eu o farei um pilar no templo do meu Deus, e ele nunca mais sairá dali. Eu escreverei nele o nome do meu Deus, e o nome da cidade do meu Deus, a nova Jerusalém que desce do céu da parte do meu Deus. E eu também escreverei nele o meu novo nome”.

Para alguns, um novo nome talvez não signifique muito, mas, para mim, que fui adotado por meu padrasto, um novo nome significava tudo. Só quando eu cheguei ao Brasil como missionário, em 1997, eu percebi como Deus tinha sido tão bondoso comigo, não somente me adotando, mas deixando que eu fosse adotado por um outro homem e assim ganhando um novo nome. Meu sobrenome de nascimento era Sydloski, que soa como “se lasque” quando pronunciado. Imagine as gargalhadas se convidassem alguém a vir e ouvir o Pastor Se Lasque pregar! Fico muito feliz que fui adotado com dois anos de idade e meu nome mudado para “Fromholz”, ainda que ninguém saiba pronunciá-lo corretamente.

7.4 Um novo Espírito

Nosso Pai nos presentearia com o Espírito de adoção. O que está demonstrado em Romanos 8.15: “Pois vocês não receberam um espírito de escravidão, para que outra vez tenham medo, mas vocês receberam o Espírito que os faz filhos de Deus por adoção, por meio do qual clamamos: ‘Aba! Pai!’”

Também em Gálatas 4.6-7 o mesmo Paulo nos explica: “E porque vocês são filhos, Deus enviou o Espírito do seu Filho aos nossos corações, que clama: ‘Aba! Pai!’ Então você não é mais escravo, mas filho; e se é filho, então também herdeiro de Deus por meio de Cristo”.

“Porque nós somos seus filhos e não escravos, Deus enviou o ‘Espírito de seu Filho’ aos nossos corações. Deus não parece mais com um malvado feitor, pedindo de nós o que nunca podemos produzir. Agora nós chamamos Deus de ‘Pai’ ou ‘Querido Pai’ (que é o que o termo Aba implica). O legalista não chama Deus de ‘Pai’, pois o relacionamento é construído na lei, não no amor. Somente quando sabemos que o nosso relacionamento com Deus é seguro,

podemos realmente chamá-lo de ‘Pai’. Este é o maravilhoso milagre da graça, por meio da obra do Espírito Santo em nossos corações, nós agora chamamos Deus de ‘Pai’”.¹³

7.5 Uma nova vida conforme a imagem de Cristo

Está muito claro no texto de 1 Coríntios 6.9-11 quando ao falar sobre a nova vida em Cristo o apóstolo Paulo nos questiona: “Vocês não sabem que os injustos não herdarão o reino de Deus? Não se enganem. Aqueles que se entregam a imoralidade sexual, ou adoram ídolos, ou cometem adultério, ou praticam homossexualidade, tanto aquele que faz o papel da mulher quanto aquele que usa o outro como se fosse uma mulher, ou aqueles que são ladrões, ou que desejam o que é dos outros, ou bêbados, ou que falam mal dos outros, ou enganam e roubam os outros, nenhum destes herdará o reino de Deus. E alguns de vocês eram assim. Mas vocês foram lavados, foram santificados, foram justificados no nome do Senhor Jesus Cristo e pelo Espírito de nosso Deus”.

Também em 1 Coríntios 5.17 Paulo esclarece: “Então, se alguém está em Cristo, ele é uma nova criatura. As coisas antigas já passaram; olhe, o que é novo já chegou”.

Nosso Pai nos concede uma nova vida e semelhança com Ele e seu Filho. Assim seremos conformados à imagem do Filho de Deus em santidade e sofrimento nesta vida, e em glória na vida por vir, o que é confirmado pelo texto de Romanos 8.29: “Pois aqueles que ele determinou, antes da criação do mundo, para amar e estabelecer um relacionamento, ele também os predestinou para serem conformes à imagem do seu Filho, para que seu Filho seja preeminente entre muitos irmãos”.

Os textos a seguir são reafirmações dessa nova vida. Veja:

1 Corinthians 15:49: “Assim, estamos agora parecidos com o homem que foi feito do pó da terra, mas algum dia seremos parecidos com o homem do céu”. Continuando em 2 Corinthians 3:18: “todos nós que tivemos esse véu retirado podemos ver e refletir como um espelho a glória do Senhor. E o Senhor, que é o Espírito, está nos transformando na sua própria imagem com uma glória cada vez maior”.

E ainda em Filipenses 3:20-21: “Mas nós somos cidadãos do céu, onde o Senhor Jesus Cristo mora. E nós estamos esperando ansiosamente ele voltar de lá como nosso Salvador. Ele transformará nossos corpos fracos e mortais em corpos gloriosos como o corpo dele, usando o mesmo poder que ele tem para colocar tudo debaixo da sua autoridade”.

Assim como Paulo, o apóstolo João em 1 João 3.2 descreve esta realidade bíblica: “Amados, nós já somos filhos de Deus, e ainda não foi revelado o que seremos. Mas sabemos que, quando Cristo for revelado, seremos como ele, porque nós o veremos como ele realmente é”.

Por fim, o Antigo Testamento nos permite visualizar de forma interessante ‘a nova

criação' em nós: "Como Cristo é, são eles, cada um se assemelha aos filhos de um Rei (Juízes 8.18)".¹⁴ Essa citação se embasa no livro dos Juízes 8.18: "Depois disso, Gideão perguntou a Zeba e a Zalmuna: 'Como eram os homens que vocês mataram em Tabor?'. 'Como você', responderam eles. 'Todos pareciam filhos de rei.'" (NVT)

7.6 Uma nova dignidade

"Deus nos leva a um novo e diferente patamar de dignidade. Ele nos faz herdeiros da promessa, e Ele nos instala em honra. Davi não considerou uma pequena honra o fato dele ser o genro do rei (1Samuel 18.18), veja: "Quem sou eu, e o que é minha família ou o clã de meu pai em Israel, para que eu me torne genro do rei?" (NVI). Mas que honra sermos os filhos do Deus Altíssimo! Que honra Deus nos traz tão perto em aliança a Ele, filhos de Deus, o Pai, membros de Deus, o Filho, templos de Deus, o Espírito Santo!"¹⁵

O apóstolo no livro de João 1.12 desnuda esta verdade: "Mas a todos que o receberam, aqueles que creram em seu nome, Ele deu o direito de se tornarem filhos de Deus".

Ele nos deu o poder, ou direito, ou privilégio, de nos tornarmos filhos de Deus, filhos do Rei, o Criador do Universo, por adoção, relacionando com Ele não apenas como súditos de seu rei, ou servos de seu mestre, mas como filhos de seu pai; sendo levado sob sua peculiar proteção, direção e cuidado; sendo favorecidos com liberdade de acesso a Ele, podendo falar com Ele, e feito seus herdeiros e coerdeiros com Cristo da herança celestial. De ser um filho de Deus é o maior privilégio e honra que possa ser imaginado.

7.7 Uma nova liberdade

Nosso Pai nos oferece espiritual liberdade cristã como seus filhos e filhas.

Em João 8.31-32, descreve-se claramente essa conquista de Jesus para nós: "Então Jesus disse para os judeus que creram nele: 'Se continuarem seguindo os meus ensinamentos, vocês serão verdadeiramente meus discípulos, e conhecerão a verdade, e a verdade os libertará'". E ainda no verso 36: "Assim se o Filho os libertar, verdadeiramente serão livres".

O apóstolo Paulo também comenta sobre a liberdade conquistada por Cristo para nós: 1 Coríntios 3.17: "Agora, o Senhor é o Espírito. E onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade". Aos gálatas ele afirma: "Foi para a liberdade que Cristo nos libertou (Gálatas 5.1)".

Em se falando de Adoção uma pergunta se faz necessária: "Em qual sentido um filho adotivo é livre? Não no sentido de fazer o que ele deseja; mas ele está livre do domínio do pecado, da tirania de Satanás, e da maldição da lei. Ele está livre da forma de adoração. Ele tem o Espírito livre de Deus, o que o torna livre e alegre no serviço de Deus".¹⁶

A liberdade cristã nos livra do impugnado, condenado e reinante poder do pecado, tornando possível o prazer da paz com Deus como seus filhos.

No capítulo 6 de sua Carta à Roma, Paulo nos avisa, v.12: “Então, não deixem o pecado reinar nos seus corpos mortais, como se fosse ainda seu senhor, fazendo que vocês obedeçam aos seus desejos”. E no v. 18: “Vocês foram libertados do pecado (*ou seja, a servidão do pecado*) e se tornaram escravos da justiça”.

Já no capítulo 8 na mesma carta, v.1-2: “Portanto, agora já não há nenhuma condenação para aqueles que estão em Cristo Jesus. Pois a lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus, te libertou da lei do pecado e da morte. (*Isto é, o poder, domínio e tirania dele.*)”

Mas essa liberdade não deve ser abusada. Como Thomas Cole escreve: “É uma coisa perigosa falar livremente da liberdade cristã, porque muitos sob esse pretexto se permitem andar em caminhos muito injustificáveis, correndo para o excesso, deixando de lado toda a moderação”.¹⁷

“Nós desfrutamos da liberdade da hipocrisia, liberdade de viver de forma transparente diante do Pai. Enquanto não vivermos diante de Deus sob o princípio de que nós ganhamos seu favor, nunca poderemos ter certeza de que Ele nos ama e nos aceita. Nós nunca devemos pensar que fizemos o suficiente para merecer sua aceitação. Somos movidos, portanto, a uma das duas opções. Podemos buscar a sua misericórdia, se não o fizermos seremos levados ao desespero (Como eu posso agradar a Deus?) ou nos tornaremos hipócritas, fingindo que vivemos vidas agradáveis a Deus, sabendo o tempo todo que não cumprimos os seus mandamentos”.¹⁸

João Calvino orienta que: “A consciência que não conhece a liberdade de um filho diante do Pai, e não é controlado pela Palavra do Pai, estará na escravidão dos chiboletes para toda a sua vida”.¹⁹ A história por trás da palavra chibolete está registrada no livro de Juízes, capítulo 12. A palavra chibolete em dialetos antigos hebreus significava “espiga” (ou, dizem alguns, “riacho”). Alguns grupos pronunciaram este termo com um som de “x”, mas os falantes de dialetos relacionados o pronunciaram com um som de “s”. Na história, duas tribos semitas, os efraimitas e os gileaditas, tiveram uma grande batalha. Os gileaditas derrotaram os efraimitas e montaram um bloqueio em todo o rio Jordão para capturar os fugitivos de Efraim que tentavam voltar para seu território. As sentinelas pediram para cada pessoa que quisesse atravessar o rio dizer a palavra chibolete. Efraim, que não tinham o som “x” em sua língua, pronunciou a palavra com um “s”, e assim foram desmascarados pelos inimigos e mortos.

“Assim a palavra chibolete entrou em nosso vocabulário como uma forma pitoresca, mostrando as práticas que foram feitas aceitáveis ou inaceitáveis de comportamento cristão, que, de fato, são culturais, em vez de bíblicas. O ponto é este: nenhum chibolete, ou seja, nenhuma prática distinta que não é ensinada nas Escrituras deve ser feita de base para a comunhão ou separação da comunhão entre os filhos de Deus”.²⁰

Mas não interprete liberdade cristã como uma licença para pecar. Veja o que Paulo nos

orienta em Gálatas 5.13: “Pois vocês, irmãos, foram chamados para a liberdade. Mas não usem sua liberdade como uma oportunidade de satisfazer sua natureza pecaminosa. Em vez disso, usem sua liberdade para servir uns aos outros em amor”.

O apóstolo Pedro também aconselha em 1 Pedro 2.16: “Vivam como pessoas livres, mas não usem a sua liberdade como uma desculpa para fazer o que é mal, mas, para viver como escravos de Deus.”

“Nós temperamos a nossa liberdade para a fraqueza dos crentes ignorantes, mas não para o rigor dos fariseus”.²¹

7.8 Uma nova herança

Nosso Pai concede a seus filhos adotivos a herança do reino. “Adoção termina em coroação. O reino que Deus dá aos seus filhos e herdeiros adotados supera todas as monarquias terrenas”.²²

Em Gálatas 3.29, registra-se que: “se vocês pertencem a Cristo, então são descendentes de Abraão e herdeiros segundo a promessa”. E no capítulo 4.7: “Então você não é mais escravo, mas filho; e se é filho, então também herdeiro de Deus por meio de Cristo”.

Ainda em Efésios 1.11-12, Paulo acrescenta que: “em Cristo, foi nos dada uma herança, tendo sido predestinados conforme o plano daquele que faz todas as coisas segundo o propósito da sua vontade, para que nós que fomos os primeiros a colocar nossa esperança em Cristo, sejamos para o louvor da sua glória”.

Já o apóstolo Pedro, em 1 Pedro 1.3-5, comenta em alegria: “Louvado seja o Deus e Pai do nosso Senhor Jesus Cristo! É pela sua grande misericórdia que ele nos fez nascer outra vez para uma esperança viva por meio da ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para obter uma herança que é imperecível, sem mancha de pecado, e que jamais perderá sua beleza. E ela está guardada no céu para vocês que, por meio da fé, são protegidos pelo poder de Deus para a salvação que está pronta para ser revelada no fim dos tempos”.

Por sua vez, Romanos 8.15-17 nos lembra que: “vocês não receberam um espírito de escravidão, para que outra vez tenham medo, mas vocês receberam o Espírito que os faz filhos de Deus por adoção, por meio do qual clamamos: ‘Aba! Pai!’ O próprio Espírito dá testemunho ao nosso espírito que somos filhos de Deus. E se somos seus filhos, também somos seus herdeiros; herdeiros de Deus e coerdeiros com Cristo”.

Kenneth Wuest ressalta que: “O ‘se’ nesse versículo introduz uma condição cumprida, ou seja, o Espírito dá testemunho constantemente em companhia com o nosso espírito que somos filhos de Deus, e uma vez filhos, também herdeiros, por um lado, herdeiros de Deus, por outro lado, coerdeiros com Cristo, a marca de identificação dos herdeiros, sofrendo juntos com Cristo, a fim de que nós, o crente e Cristo, sejamos glorificados juntos”.²³

Quando nós adotamos nosso filho Samuel, ele não somente recebeu uma casa para morar e um novo nome, mas também, legalmente, todo privilégio que os meus outros três filhos têm. Não há nenhuma diferença legal e posicionalmente entre eles. Ele é um herdeiro. Quando você se torna um filho, você também se torna um herdeiro.

7.9 As promessas do Pai

Na sua segunda carta aos Coríntios Paulo, no capítulo 1.20 nos lembra que: “todas as promessas de Deus têm o ‘sim’ nEle. É por isso que dizemos ‘amém’ por meio de Jesus Cristo, para a glória de Deus. É Deus que nos faz, junto com vocês, permanecer firmes em Cristo. Ele nos ungiu, também pôs sua marca em nós para mostrar que lhe pertencemos e nos deu seu Espírito em nossos corações como garantia de tudo que ele nos prometeu”.

Em Cristo, e somente nEle, recebemos a adoção que nos dá uma parte imerecida nas promessas que foram feitas a Ele e nos privilégios que Ele conquistou como Filho de Deus. “Se somos adotados, então nós temos um interesse em todas as promessas; as promessas são o pão dos filhos”.²⁴

7.10 O amor do Pai

Nosso Pai nos ama como Ele amou o seu próprio Filho da mesma essência. João 17.23: “...você tem amado eles assim como você tem me amado”. Mas ao falar que Deus nos ama provoca em nós muitos pensamentos e traz a luz muitos conceitos errados. Para um filho natural, o pensamento que seu pai o ama é mais fácil, pois pensar que seu pai o trouxe ao mundo o obriga a lhe amar. Mas um filho adotivo, como nós somos, não pensa assim. Sempre haverá a grande pergunta: “Por quê?” Ou em nosso caso: “Por que Deus me ama?” Cada um que é honesto consigo sabe que não merece o amor de Deus e assim a maioria de nós procura maneiras para conquistar o seu amor.

A Bíblia nos conta a história de um filho que quando caiu em si entendeu que não merecia o amor de seu pai, e foi pensando e planejando como reconquistar isso. Nós conhecemos a história como “O filho pródigo”. Mas antes de prosseguir, vamos consertar algumas concepções erradas a respeito dessa história. A primeira sendo o próprio título. Infelizmente os “títulos” colocados em nossas Bíblias, que não fazem parte do texto inspirado, com exceção de alguns em Salmos, nos influenciam a ler certas coisas de uma maneira errada. Nada menos que essa história, pois o relato citado não narra sobre somente um filho, mas dois, e o amor de um pai, sendo o amor do pai a parte mais importante, não o que os dois filhos fizeram. A segunda concepção equivocada é que se não entendemos o “título” em que baseamos nosso entendimento do assunto a ser abordado, deturpamos a história completamente.

Quando falamos do “filho pródigo” muitas coisas vêm à nossa mente e a maioria de nós se coloca no lugar dele. E sempre que ouvimos de alguém que desviou e voltou, o chamamos

de filho pródigo. Em quantos testemunhos ouvimos alguém se referir ao filho pródigo, ou em quantas canções? Mas vamos parar aqui rapidinho para analisar: “O que significa pródigo?” Segundo o dicionário, é uma pessoa que se revela por um gasto imoderado capaz de comprometer seu patrimônio; aquele que despense excessivamente, que torra todo o seu dinheiro. Pródigo não significa que ele saiu e voltou; mas, que ele gastou toda a sua herança. Ele seria pródigo ainda se não voltasse. A menos que você gastou todo o seu dinheiro, você, e ninguém mais, seria um filho pródigo.

Agora vamos voltar para nossa história para melhor entender o amor do Pai. O filho mais novo, o pródigo, pediu sua herança, saiu para outra terra e desperdiçou tudo. Começou a passar fome, acabou alimentando porcos e até querendo comer a comida deles. Por fim, decidiu voltar para a casa de seu pai. Então ele prepara um discurso e começa a viagem. Nisto já vimos como ele não entendeu seu pai, como ele não entendeu o seu amor. A verdade é que isso foi a última coisa a passar pela cabeça. Na primeira parte do discurso, “Pai, pequei”, vemos que seu foco estava em seu pecado. É a mesma coisa conosco quando erramos. Ao contrário do que é geralmente entendido, “Deus me ama”, a realidade do amor de Deus por nós é a última coisa sobre qual pensamos. Nós fixamos nossos olhos em nós, nossas falhas no passado, nossa culpa presente, e parece impossível que Deus possa nos amar. Assim muitos crentes passam uma boa parte das suas vidas com a mesma dúvida do filho pródigo – “Certamente Ele não pode me tratar ou me amar como filho”.

Quando nós, como crentes, vemos Deus, o Pai, como o filho pródigo viu seu pai, somos lentos para retornar a Ele depois que pecamos, pois não entendemos o tamanho do amor dEle. Vemos Ele como nosso senhor e não como nosso Pai. É nesse momento que Satanás ataca. Já pensou depois de pecar: “Acho que não sou crente. Acho que não sou filho de Deus”? De onde vem esses pensamentos? Assim como Satanás colocou em questão a filiação de Jesus: “Se você é o Filho de Deus...”, ele também faz conosco. “Se você realmente fosse filho de Deus, não teria feito aquilo”. Satanás jogará na sua cara os seus pecados e até falará das áreas onde existem tentação, e então o levará a questionar a realidade do seu relacionamento com Deus. Nisto, temos que lembrar-nos de que nós não somos filhos de Deus por ser digno ou por merecer, mas por adoção, graciosa e de graça. Deus nos escolheu.

Veja, o pai na parábola não fica na frente da casa com seus braços cruzados esperando cobrar seu filho pelos erros, mas aceita ele de volta à sua família, sem impor condições. Se você lembrar a passagem bíblica, quando o pai vê o filho distante ele tem compaixão dele e corre na sua direção, o abraça e o beija. Isto foi muito longe da reunião humilhante que o filho esperava. Mas ainda assim o filho continua com seu discurso preparado e até consegue falar as duas primeiras partes: “Pai, pequei contra o céu e contra ti”. E “Eu não sou mais digno de ser chamado teu filho”. Mas antes que ele conseguisse falar a terceira parte sobre ser um servo, seu

pai interrompe e leva tudo numa outra direção. Em vez de tratar seu filho como um mero servo, ele vira para os servos verdadeiros e ordena uma festa. A volta de um filho é razão de celebrar. “Este meu filho estava morto, mas, agora ele está vivo novamente! Ele estava perdido, mas, agora ele foi achado!” Entenda, o pai nunca tratará o filho como servo. O filho sempre será filho!

Por não se sentir digno, ele ia falar: “Por favor, me aceite apenas como um de seus empregados”. Nisso vemos claramente que ele estava pensando em termos de salários ganho em vez de amor e graça recebida. É como se ele estivesse pensando: “Eu acabei num país distante por desperdiçar a riqueza do meu pai, então talvez eu possa ganhar entrada de volta na sua casa”. O filho queria pagar uma dívida que não existia na mente do pai; ele queria ganhar a sua volta à casa. Entenda que a nossa salvação, nossa filiação, é um presente de Deus, não uma dívida a ser paga.

Efésios 2.8 nos fala: “Pois é pela graça de Deus que vocês são salvos por meio da fé. E isso não vem de vocês, é o dom de Deus”. É um presente. Você entende o que é um presente? Se eu vou ao seu aniversário e te dou um presente, você me deve algo? Você me perguntaria do valor do presente para poder fazer um depósito na minha conta no dia seguinte?

Deus nos ama porque quer. Deus nos salvou porque quis. Deus nos fez seus filhos porque nos amou e foi da sua vontade como está escrito em Efésios 1:4-6: “Em amor ele nos predestinou para sermos adotados como filhos por meio de Jesus Cristo, conforme o bom propósito da sua vontade, para o louvor da sua gloriosa graça, que ele nos deu gratuitamente no seu Filho amado”. Isso não depende de nós e não tem como a gente pagar por isso. E Deus não espera isso de nós.

O conhecimento e a certeza cada vez maior de que somos filhos de Deus é um refúgio e proteção contra os ataques de Satanás.

Na vida eu tenho sido os dois filhos, mas eu me identifico mais como o filho mais velho. Eu o entendo. Gastei a maior parte da minha vida seguindo todas as regras e parece que ninguém percebeu. A verdade é que meu bom comportamento tinha sido pelo menos subconscientemente uma forma de autossalvação; uma tentativa de ganhar a aprovação e amor de Deus e talvez mesmo obrigá-Lo a fazer o que eu queria.

Voltando ao filho mais velho: ele não exigiu sua herança. Ele se manteve fiel ao pai. Ele era o sonho de todo pai. Como funcionário, seus esforços foram produtivos, sua ética de trabalho foi impecável. Mesmo sua conduta foi exemplar, e ele não hesitou em avaliar todas essas qualidades em audiência de seu pai. Ele tinha toda a confiança de que o seu comportamento virtuoso ganhou não somente o respeito e as riquezas de seu pai, mas, o seu amor também. Para ele considerava que o momento em que a herança foi dada para o seu irmão, os dias do menino como um membro da família teriam acabado. Agora, na sua mente ele era o único filho de seu

pai, e os benefícios da riqueza de seu pai seriam exclusivamente dele. Infelizmente, para o irmão mais velho, isso não era à disposição de seu pai. O filho mais jovem, mesmo com a sua herança paga na totalidade, ainda era um membro da família. Nem um desafio aberto, nem fugindo, teria qualquer efeito sobre o amor de seu pai para com ele. E isso enfureceu o irmão mais velho. “Porque meu irmão pecador recebeu tal recepção do meu pai?” Assim ele recusa-se a entrar na festa.

Naturalmente, o pai ouve sobre isso e trata de ir falar com ele. Quando isso acontece, descobrimos que o filho mais velho não está irado só com seu irmão, ele está com raiva de seu pai também. Pode crer que a conversa entre o pai e filho não era nada tranquila. Ele diz, ou talvez grite: “Olha, todos esses anos eu tenho trabalhado como um escravo para você e nunca desobedeci a nenhuma de suas ordens. Mesmo assim você nunca me deu nem ao menos um cabrito para fazer uma festa com meus amigos. Mas, o meu irmão desperdiçou todo o seu dinheiro com prostitutas. E quando ele voltou, você matou o bezerro gordo por ele!”

O irmão mais velho vê essa diferença de tratamento como uma injustiça manifesta em direção a ele e fica com raiva do seu pai. Faz sentido para ele acreditar que tinha ganhado seu próprio lugar na família pelo bom comportamento e que o pródigo não deve estar mais na família por causa de seu mau comportamento. Parecia irracional, a ótica do irmão mais velho, o pai chamar o pródigo de “filho” e fazer uma festa para ele. Em tudo isso temos que entender que a história era infinitamente mais sobre o amor do pai do que a má conduta do filho pródigo.

O irmão mais velho, obviamente, não tinha ideia de como era o coração de seu pai; gracioso e cheio de perdão e amor. Deve ter sido confuso para o irmão mais velho aprender que pertencer à família é um dom da graça, é prerrogativa do pai e que o seu amor não diminuía quando fere e não aumenta quando agrada. Ele ama em todos os momentos. É a mesma coisa conosco. O amor de Deus não varia. Ele não gosta do nosso pecado, mas Ele nunca para de nos amar.

Na parábola, o filho pródigo viajou para longe da casa de seu pai, mas, o irmão mais velho viajou para longe do coração dele. Ele nunca tinha entrado num verdadeiro relacionamento filial com o pai. Ele pensou em seu pai como um dono de escravos e a si mesmo como escravo, não como filho. É interessante ver o amor generoso derramado sobre o filho pródigo voltando e ao mesmo tempo não se esquece do amor pelo filho mais velho. Percebendo que seu filho mais velho não estava na festa, o pai foi procurar o seu primogênito. Ele queria que ele fosse incluído na festa também. Assim o pai lhe diz três coisas:

1. “Filho, você está sempre comigo”. Esta foi uma garantia para o filho mais velho que ele não perdeu seu lugar na família. Seu lugar estava assegurado.
2. “Tudo o que eu tenho é seu”. Isso foi porque a divisão da herança já aconteceu. O filho mais jovem já pegou seu 1/3, de modo que os 2/3 que permaneceram

iriam diretamente para o filho mais velho.

3. “Era justo celebrar e se alegrar, pois este seu irmão estava morto, mas, agora ele está vivo novamente! Ele estava perdido, mas, agora ele foi achado”.

Os dois irmãos eram pecadores. Um cometeu o pecado de viver uma vida de injustiça e outro o pecado de autojustiça. Os dois estavam alienados em relação ao seu pai. A distância geográfica separava o pródigo de seu pai, enquanto o orgulho separou o irmão mais velho. Por arrepender-se do seu pecado, o irmão mais novo ganhou perdão completo e uma festa para celebrar o seu retorno. No entanto, a incapacidade do filho mais velho de enxergar sua autojustiça como pecado o impediu de receber o perdão que seu pai teria estendido livremente. Assim, ele passou a noite sozinho, ouvindo a celebração alegre, mas ele mesmo não experimentou nada.

Nesta parábola Jesus estava declarando que toda a humanidade é pecadora, e ele a descreve como dois grupos: pródigos e irmãos mais velhos; o injusto e aquele que confia na sua própria justiça. E ele ressaltou o fato de que o Pai, o Deus vivo, ama os dois e está disposto a perdoar os dois. Foi isso que os irmãos não entenderam, pois os dois erraram nos seus pensamentos sobre o pai. O filho pródigo errou em achar que o amor do pai dependia do que ele faria. Ele errou em pensar que o pai não o aceitaria de volta como filho. Ele errou em pensar que de uma maneira ele podia ganhar a volta à casa do seu pai. O irmão mais velho errou também em pensar que o amor do pai dependia do que ele fazia; só que ele achava que merecia. Ele errou em achar que o pai não aceitaria o irmão mais jovem de volta e que nem deveria. Ele errou em ficar com raiva pelo perdão e restauração do seu irmão, achando que não merecia. Assim, os dois mostraram que não conheciam verdadeiramente o coração do pai e a profundidade do seu amor. A verdade é que nenhum dos dois tinha intimidade com o pai.

Da mesma maneira, muitos na igreja mostram que realmente não conhecem o Pai ou tem intimidade com Ele pela maneira que imaginam como Ele é. Eles não pensam nEle como um Deus amoroso que perdoa, mas um Deus vingativo que exige que mereçam seu amor. Esse não é o Deus Pai da Bíblia que enviou seu único Filho da mesma essência para morrer no lugar de pecadores para que eles pudessem ser adotados como filhos. Ele nos ama e assim nós podemos nos aproximar com certeza de aceitação e amor. Somos seus filhos. Olha o que diz 1 João 3.1: “Vejam como é grande o amor que o Pai tem nos dado, a ponto de sermos chamados filhos de Deus; e de fato o somos!”

Se nós pudessemos aprender que ninguém é tão bom nem tão ruim para ser amado por Deus e realmente acreditar que Ele nos ama independente do que façamos ou não, mudaria tudo. Mudaria a maneira que nos relacionamos com Ele e O vemos. Entenda, Deus nunca te amará mais por fazer algo correto nem menos por fazer algo errado. O seu amor é constante e

se você é um filho dEle, Ele te ama. Ponto final.

Então: “Por que Deus nos ama?” Esta pergunta está entre as perguntas mais profundas já feitas e mais difíceis de ser respondida. Na verdade, nenhum homem seria capaz de respondê-la suficientemente. Porém, uma coisa é certa, Deus não nos ama porque somos amáveis ou porque merecemos o Seu amor. De fato, o oposto é verdadeiro. Mas para responder a pergunta: Ele nos ama apenas porque nos ama. É quem Ele é. 1 João 4.8 e 16 nos fala: “Deus é amor”. É sua natureza. Nada do que fizemos faz Ele nos amar, então nada que façamos fará com que Ele pare de nos amar também. Deus nos adotou porque era o seu bom propósito e Ele nos ama porque quer. Isso é suficiente para nós. Só em saber que Ele nos ama e sempre nos amará, basta.

7.11 A simpatia do Pai

Nosso Pai nos conforta com seu amor e piedade. Vemos isso em Salmos 103:13-14: “Como um pai tem compaixão de seus filhos, assim o SENHOR tem compaixão dos que o temem; pois ele sabe do que somos formados; lembra-se de que somos pó”. (NVI)

E em Romanos 5.5, o apóstolo Paulo nos lembra de que: “esta esperança nunca nos decepcionará, porque Deus derramou seu amor em nossos corações, por meio do Espírito Santo que ele nos deu”.

“Todo o amor que já houve em qualquer pai em relação aos seus filhos é como uma gota do oceano infinito de amor paternal que existe em Deus para com seu povo”.²⁵ “Ele nos consola de acordo com as aflições que Ele mediu para nós”.²⁶

7.12 A provisão do Pai

Como seus filhos, nosso Pai fornece tudo que precisamos, tanto física quanto espiritualmente. Jesus deixa isto bem claro no texto de Mateus 6.25-34: “É por isso que eu lhes digo: Não se preocupem com a vida de vocês, com o que vão comer ou com o que vão beber, nem sobre seu corpo, com o que vão vestir. A vida não é mais importante do que o alimento, e o corpo mais importante do que as roupas? Olhem para as aves do ar. Elas não plantam, nem colhem, nem juntam alimentos em celeiros, e ainda assim o seu Pai celestial as alimenta. Será que vocês não têm muito mais valor do que elas? E qual de vocês podem acrescentar, por mais que se preocupem, uma hora ao total da sua vida? E por que se preocuparem com roupas? Olhem os lírios do campo e como eles crescem; eles não trabalham nem fazem roupas para si mesmos. Mas eu falo a vocês que nem mesmo Salomão, em toda sua glória, usava roupas tão bonitas como um deles. E se Deus veste assim a erva do campo que hoje existe e amanhã é lançada ao fogo para aquecer o forno, ele não vestirá muito mais a vocês, homens de pouca fé? Portanto, não se preocupem com essas coisas, dizendo: ‘O que vamos comer?’ ou ‘O que vamos beber?’ ou ‘O que vamos vestir?’ Pois os pagãos procuram essas coisas. O Pai de vocês que

está no céu já sabe que vocês precisam de todas estas coisas. Mas busquem primeiramente o reino de Deus e a sua justiça, e todas estas coisas serão dadas a vocês também. Então não se preocupem com o amanhã, pois o amanhã trará suas próprias preocupações. Os problemas de hoje são suficientes para hoje”.

Em outro texto do mesmo livro, Mateus 7.9-11, Jesus questiona: “Qual pai entre vocês que, se o filho pedir um pedaço de pão, dará a ele uma pedra? Ou, se pedir um peixe, dará a ele uma cobra? Então se vocês, que são maus, sabem como dar boas coisas aos seus filhos, quanto mais o Pai de vocês, que está no céu, dará boas coisas aos que lhe pedirem”.

Paulo conclui Filipenses 4.19 com uma afirmação bem firme: “E o meu Deus suprirá todas as suas necessidades de acordo com suas gloriosas riquezas em Cristo Jesus”.

7.13 A proteção do Pai

Nosso Pai nos protege de todo o mal, nos mantém e impede-nos de cair. Essa segurança fica bem evidente em João 10.28-30: “Eu dou a elas a vida eterna, e elas nunca perecerão. Ninguém poderá arrancá-las da minha mão. O meu Pai as deu para mim e ele é mais poderoso e maior do que todos. Ninguém pode arrancá-las da mão do meu Pai. Eu e o Pai somos um”.

Em 1 Coríntios 10.13, Paulo nos explica que: “As tentações que vocês enfrentam em suas vidas não são diferentes das que todas as outras pessoas enfrentam. Mas Deus é fiel e não permitirá que vocês sejam tentados além do que possam suportar. Mas quando vier a tentação, ele também providenciará uma saída, para que possam suportá-la”. E ainda ressalta em Tessalonicenses 3.3: “Mas o Senhor é fiel. Ele os fortalecerá e os protegerá do Maligno”.

Veja o que está em 1 Pedro 1.3-5: “Louvado seja o Deus e Pai do nosso Senhor Jesus Cristo! É pela sua grande misericórdia que Ele nos fez nascer outra vez para uma esperança viva por meio da ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para obter uma herança que é imperecível, sem mancha de pecado, e que jamais perderá sua beleza. E ela está guardada no céu para **vocês que, por meio da fé, são protegidos pelo poder de Deus para a salvação que está pronta para ser revelada no fim dos tempos**”.

Nas cartas joaninas temos, 1 João 5.18: “Nós sabemos que todo aquele que é nascido de Deus não continua vivendo em pecado, mas aquele da mesma essência de Deus o protege, e o Maligno nunca mais pode prendê-lo”.

“Os filhos de Deus nesta vida são como crianças pequenas, sempre tropeçando e caindo, são tão fracos que eles nunca poderiam se levantar novamente, senão por Ele; pela sua mão que está sobre eles, seu braço eterno, que está sob eles”.²⁷

Desta forma, é bom seguirmos o conselho de 1 Pedro 5.7: “Lancem sobre ele todas suas preocupações e ansiedade, porque ele se importa com vocês”.

7.14 A disciplina do Pai

A maioria de nós não pensa em disciplina como um privilégio. Deus diz o contrário. Veja o que está em Hebreus 12.5-8: “Meu filho, não despreze a disciplina do Senhor, e não fique desanimado quando ele o corrigir. Pois o Senhor disciplina a quem ama, e castiga todo aquele a quem aceita como filho. Suportem seus sofrimentos como disciplina; Deus está tratando vocês como os seus próprios filhos. Será que existe algum filho que nunca foi disciplinado por seu pai? Se Deus não disciplina vocês como faz com todos seus filhos, isso significa que vocês são bastardos e não filhos”.

Disciplina paternal de Deus é diferente do que muitos de nós experimentamos de nossos pais terrenos. Ele não nos espanca quando erramos. A disciplina de Deus é sempre perfeitamente temperada pelo seu inesgotável amor infalível para conosco. Sua disciplina nunca é sem propósito. É sempre para o nosso melhor interesse e é um sinal de nossa legitimidade como seus filhos. Nosso Pai nos corrige e nos castiga para a nossa santificação (Hebreus 12.5-11). “Os nossos sofrimentos são, ‘para nossa educação e instrução em sua família’”.²⁸ E como Joel Beeke tem falado: “Os castigos de Deus são os emblemas da nossa filiação e do amor do Pai”.²⁹

Por isso é essencial lembrar o que diz Provérbios 3.11-12: “Meu filho, não despreze a disciplina do SENHOR nem se magoe com a sua repreensão, pois o SENHOR disciplina a quem ama, assim como o pai faz ao filho de quem deseja o bem”. (NVI). Pois conforme o escritor aos Hebreus 12.6: “o Senhor disciplina a quem ama, e castiga todo aquele a quem aceita como filho”. Ele mesmo declara esta verdade em Apocalipse 3.19: “Eu repreendo e disciplino todos que eu amo”.

Não devemos comportar-nos como escravos, mas como filhos. Se somos filhos de Deus, deve haver uma semelhança de família. Devemos ter grande prazer em viver de uma forma que agrada ao Pai. E quando não fazemos isso, seu amor também nos permite aceitar a disciplina do Pai e mudar de acordo. No mundo de Paulo, filhos reais tiveram que passar por treinamento extra e disciplina que outras crianças escaparam, a fim de prepará-los para o seu auto destino. É o mesmo conosco como filhos do Rei do universo. A pista para compreender a disciplina do Pai é lembrar que em nossas vidas nós estamos sendo treinados para o que nos espera; nós estamos sendo moldados à imagem de Cristo.

7.15 A maneira que vivemos

O pensamento sobre Deus ser nosso Pai, escreve o teólogo J. I. Packer, deve ser aquele que “impõe e controla a sua adoração e orações e toda a sua visão sobre a vida”.³⁰ Uma

apreciação da doutrina da nossa adoção como filhos de Deus nos motiva a nos disciplinar para viver vidas de devoção em temor a Deus.

Nesta perspectiva Paulo aconselha o seu discípulo em 1 Timóteo 4.7-8: “Não perca seu tempo discutindo sobre ideias irreverentes e lendas tolas de mulheres velhas. Em vez disso, treine-se na devoção e no temor a Deus que resulta numa vida que agrada a ele. Pois exercício físico tem algum valor, mas a devoção e o temor a Deus têm valor para tudo, porque tem promessa para a vida presente e para a vida futura”.

Jason Kovacs também orienta: “A nossa compreensão da adoção deveria ser central ao nosso pensar e viver a respeito do evangelho. Um entendimento correto de adoção é destinado a ter um grande impacto e influência em nossa compreensão do nosso relacionamento com Deus e com os outros”.³¹

Em 1 João 3.3 o escritor afirma que: (...) “E todos os que têm essa esperança nele purificam a si mesmo, assim como Jesus é puro”.

Purificar envolve amar tudo o que o Pai ama e odiar tudo o que o Pai odeia. Desde o momento da conversão até a hora que tomamos nossa respiração final, temos um alvo: purificar-nos diante de nosso Pai, a fim de ser mais como Cristo. A esperança de se tornar semelhantes a Cristo no futuro inflama nosso desejo de tornar-se semelhante a Ele no presente. Em resposta ao amor de Deus e dessa esperança futura, nós obedecemos aos mandamentos de Cristo e confiamos que, atualmente, Deus está nos transformando à semelhança de Cristo por meio do Espírito conforme está em 1 Coríntios 3.18: “E todos nós que tivemos esse véu retirado podemos ver e refletir como um espelho a glória do Senhor. E o Senhor, que é o Espírito, está nos transformando na sua própria imagem com uma glória cada vez maior”.

Nós demonstramos esta verdade ainda mais pelas nossas boas obras, que nos revelam como filhos de Deus para o mundo e agradam nosso Pai no céu. Mateus 5.16: “Da mesma forma, deixem a luz de vocês brilhar diante dos outros, para que eles possam ver as suas boas obras e glorifiquem o Pai de vocês que está no céu”. Nos vv. 43-45 do mesmo capítulo: “Vocês ouviram falar o que foi dito: ‘Ame o seu próximo e odeie os seus inimigos’. Mas eu falo a vocês: Amem os seus inimigos e orem por aqueles que perseguem vocês! E assim mostrarão que vocês são os verdadeiros filhos de seu Pai que está no céu”.

O evangelista Lucas também ressalta esta verdade. Veja Lucas 6.35: “Mas amem seus inimigos e façam o bem. Emprestem sem esperar receber nada de volta. Então sua recompensa no céu será grande, e vocês serão verdadeiramente filhos do Altíssimo, porque ele é bondoso até com aqueles que são ingratos e maus. Sejam misericordiosos, assim como o Pai de vocês é misericordioso”.

Paulo em 2 Coríntios 6.17-18 orienta: “‘saíam do meio deles, e se separem deles’, diz o Senhor, ‘e não toquem em nada impuro, e eu os receberei, e eu serei seu Pai, e vocês serão meus

filhos’, diz o Senhor Todo-Poderoso”.

E, à igreja em Filipos, ele aconselha, Filipenses 2.12-16: “Então, meus queridos amigos, como vocês sempre fizeram questão de obedecer às minhas instruções enquanto eu estava presente, agora que eu estou longe, vocês precisam continuar trabalhando com tremor e temor a Deus para levar a salvação de vocês à sua perfeita conclusão. Pois é Deus quem está trabalhando em vocês, dando o desejo e o poder de fazer o que agrada a ele. Façam tudo sem reclamações ou discussões, para que ninguém possa falar nenhuma palavra contra vocês, vivendo vidas puras e inocentes, como filhos de Deus, não podendo ser culpados de nada num mundo cheio de pessoas desonestas e perversas, deixando suas vidas brilharem entre elas como luzes no mundo, oferecendo a palavra da vida, para que no dia quando Cristo voltar, eu tenha um motivo para sentir orgulho sabendo que eu não corri em vão e que meu trabalho por vocês não foi inútil”.

O apóstolo Pedro também tinha essa preocupação ao orientar a Igreja. 1 Pedro 2.12: “Tenham o cuidado de sempre viver de maneira exemplar entre os seus vizinhos que não creem. E assim, ainda que falem contra vocês, como de malfeitores, eles possam ver as suas boas obras e glorificar Deus no dia da visita”.

Sabendo que fazemos parte da família de Deus, devemos nos fazer eternamente gratos e alegres. Este conhecimento também deve nos levar a ter um compromisso firme: que, pela graça de Deus, nunca faremos qualquer coisa que trará desonra ou vergonha para a família de Deus. Que nós possamos sempre buscar ostentar o nome com dignidade e orgulho, nunca esquecendo que fazemos parte de um vasto sacerdócio real de crentes cuja finalidade é anunciar as virtudes daquele que nos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz conforme 1 Pedro 2.9: “Mas vocês não são assim, vocês são um povo escolhido, um sacerdócio real, uma nação santa, um povo exclusivo de Deus, para que possam proclamar os atos poderosos e as grandezas daquele que os chamou das trevas para a sua maravilhosa luz”.

7.16 Arrependimento

A doutrina da adoção nos ajuda a entender por que, quando somos justificados, pedimos perdão todo dia.

“É no contexto desse relacionamento com Deus como nosso Pai celestial que devemos entender a oração que Jesus disse para seus discípulos orar diariamente: ‘Pai nosso, que está no céu [...] perdoa os nossos pecados, assim como nós temos perdoado aqueles que pecaram contra nós’ (Mateus 6.9-12). Essa oração diária por perdão dos pecados não é uma oração que Deus nos daria justificação dia após dia ao longo de nossas vidas, pois a justificação é um evento único que ocorre imediatamente depois que confiamos em Cristo com fé salvadora. Pelo contrário, a oração por perdão dos pecados a cada dia é uma oração que o relacionamento

paternal de Deus conosco, que foi interrompido pelo pecado que o desagradou, seja restaurado. A oração: ‘Perdoa-nos os nossos pecados’, portanto, é uma oração em que estamos nos relacionando com Deus não como juiz eterno do universo, mas a Deus como Pai”.³²

7.17 A maneira que tratamos nossos irmãos

Nós aprendemos a amar os filhos de Deus, pois eles são nossos irmãos e irmãs por adoção. Veja o que diz Filipenses 2.3-5: “Não façam nada com a intenção de se promover ou por desejos vaidosos de receber elogios dos outros. Mas, em humildade, considerem os outros superiores a vocês mesmos. Não pensem somente nos seus próprios interesses, mas também nos interesses dos outros. Tenham entre vocês a mesma atitude que Cristo Jesus tinha”.

A igreja é a família de Deus. Deus adota para incluir o homem na comunidade compartilhada e comunhão que sempre existiu na Trindade. A igreja expressa esse princípio quando ela assimila novos crentes em sua comunidade estabelecida. A comunidade da igreja pode ter dificuldade com o processo de adoção da mesma maneira que a família natural. Fundamentalmente as questões podem ser executadas em simultâneo, tanto na dinâmica da família natural, bem como a família espiritual: a igreja. Questões como a rejeição, a conectividade, vínculos e reciprocidade relacional são denominadores comuns em ambas às esferas. A igreja tristemente tem tido dificuldade nesta área quando órfãos espirituais são subitamente adotados por Deus e colocados na igreja, e a “família” estabelecida não sabe lidar com isso porque o novo adotado não parece, pensa ou age como eles.

A história da igreja está repleta da incapacidade de “irmãos mais velhos” abraçarem uma pessoa que Deus escolheu para adotar. O irmão mais velho do filho pródigo estava profundamente perturbado e com raiva da exibição de perdão e restauração do seu pai para com seu irmão mais novo. Para ele o irmão mais novo não merecia tanta graça. Sua incapacidade de se conectar com o coração de seu pai era um reflexo de uma falta de intimidade entre ele e o pai com quem viveu. Esse padrão pode ser reflexo na igreja de hoje simplesmente porque é muito fácil entrar na igreja de modo participativo e ignorar completamente o coração de Deus por fazer os movimentos superficiais de se conectar com a comunidade dos crentes, adorar e ouvir a pregação e, no entanto, nunca se conectar de uma maneira íntima com o Deus por trás de todas essas atividades. “As pessoas podem pensar corretamente e se comportar corretamente e adorar educadamente e ainda viver mal — viver anemicamente, viver de forma individualista, vidas egoístas vividas com tédio e vidas insípidas e triviais”.³³

Alguém pode facilmente abraçar a justificação, a santificação e a regeneração parando antes da adoção e assim perder a ligação de coração que está implícita na linguagem familiar de adoção. Essas palavras podem ser seguras, clínicas e facilmente abraçadas sem sentimento. A definição da palavra adoção não permite que as emoções sejam evitadas. Esse retardo

emocional tem implicações relacionais para todos os envolvidos. Como é que alguém abraça aqueles ao seu redor se esses relacionamentos se baseiam somente em termos e linguagem legais? A linguagem intimista do Novo Testamento, palavras como irmão, irmã, pai, nós e casa encontram a sua expressão mais profunda, propósito e significado a partir da linguagem da Trindade, não a partir da linguagem de um advogado. É esperado que a igreja expresse o caráter de Deus. Essa expressão é mais adequadamente atingida pelo conceito de família e pela linguagem inerente à essa representação.

O ideal é que a igreja seja aberta para a inclusão porque isso é reflexo de Deus, que é todo inclusão. A igreja, como é a expressão prática da inclusão de Deus para a pessoa agora adotada, tem a oportunidade de fazer o mesmo. A pessoa adotada entra numa nova comunidade de pessoas em que sua expectativa é encontrar um povo que é portador da imagem do Deus invisível. E, quando olham em volta, descobrem que agora têm irmãos e irmãs mais velhos, irmãos mais novos, parentes que têm cores de pele diferentes, línguas diferentes, formas e tamanhos diferentes, mas todos compartilhando o mesmo nome.

Eles agora têm uma família que pode ajudá-los durante os desafios da vida, que uma vez enfrentaram sozinhos. O mais significativo é que todos eles compartilham o mesmo Pai desde que as promessas de família não se limitem aos nascidos naturalmente, ou seja, dentro da família. Frágil e quebrada como a igreja tem sido e pode ser, ela ainda é o veículo principal de Deus para a conectividade relacional.

O cristianismo não pode ser plenamente compreendido em termos puramente individualista. R. David Kaylor, no *Paul's Covenant Community*, escreve: “A liberdade pregada por Paulo era uma liberdade para participar na comunidade, ao invés de uma liberdade individual”.³⁴

7.18 Evangelismo

Existem mais filhos de Deus que ainda não foram alcançados no mundo e nós temos um dever de ir atrás dos nossos irmãos. Perceba o que Paulo demonstra em Romanos 10.14-15: “Mas como eles poderão invocar aquele em quem não creram? E como eles poderão crer nele se nunca ouviram falar dele? E como eles poderão ouvir sobre ele sem que alguém pregue? E como vão pregar se não forem enviados? Essa é a razão pela qual as Escrituras dizem: ‘Como são belos os pés dos mensageiros que trazem boas notícias!’”

Jesus reconhece essa realidade em João 10.14-16: “Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem, assim como o meu Pai me conhece e eu conheço o meu Pai. E eu dou a minha vida pelas ovelhas. Eu tenho outras ovelhas que não são deste curral. Eu preciso trazer essas também, e elas ouvirão a minha voz. Então haverá um só rebanho e um só pastor”.

7.19 Adoção: do vertical para horizontal

Eu ainda estou admirado como, de forma surpreendente, Deus me fez Seu filho. Quando eu estava sem esperança neste mundo, Deus veio e por meio do sangue derramado de Jesus me fez Seu filho.

Por meio da adoção espiritual, os crentes são feitos filhos de Deus. Ter sido adotado indica que nós não fomos, de uma vez, parte da família de Deus, como Efésios 2.12 nos lembra: “Naquele tempo vocês estavam separados de Cristo, excluídos da comunidade de Israel, e estrangeiros quanto às alianças da promessa, sem nenhuma esperança e sem Deus neste mundo”. Mas agora, fomos levados para a família de Deus e feitos filhos de Deus. De Deus recebemos “o Espírito que os faz filhos de Deus por adoção, por meio do qual clamamos: ‘Aba! Pai!’” (Romanos 8.15). No que diz respeito ao nosso status, não somos mais “estrangeiros ou alguém de fora” para o povo de Deus, mas “membros da família de Deus” (Efésios 2.19). Nós que fomos inimigos de Deus somos feitos filhos de Deus.

Mas, vamos sempre lembrar, a nossa adoção por Deus foi iniciada pelo próprio Deus, a decisão de nos fazer Seus filhos foi feita antes de nós ou do mundo existir (Efésios 1.5) e Ele mesmo enviou Seu Filho para nós a fim de obter nossa adoção como está escrito em 1 João 4.9-11: “E Deus nos mostrou o quanto nos ama enviando ao mundo seu único Filho da mesma essência, para que pudéssemos viver por meio dele. Nisto consiste o amor: não que tenhamos amado a Deus, mas que ele nos amou e enviou seu Filho como sacrifício pelos nossos pecados; o sacrifício que desvia a ira de Deus contra nós. Amados, sabendo que Deus nos amou assim, devemos também amar uns aos outros”.

Nesses versículos, podemos ver não apenas o amor vertical de Deus, sem o qual, não há cristianismo, mas também como isso deve nos influenciar no amor horizontal: “sabendo que Deus nos amou assim, devemos também amar uns aos outros”. A singularidade do movimento vertical do cristianismo nunca é primeiro o homem respondendo a Deus, é sempre primeiro Deus descendo ao homem na graça. O movimento horizontal do cristianismo de homem para homem (isto é, amando o seu próximo como a si mesmo) não precede seu movimento vertical de Deus para o homem. Em outras palavras, nos movemos horizontalmente como cristãos porque Deus primeiro moveu-se verticalmente para nós em graça. Mas não é suficiente apenas dizer que o amor se move verticalmente de Deus para o homem antes de se mover horizontalmente de homem para homem. A Escritura ensina que amamos horizontalmente porque Deus nos amou primeiro verticalmente. Nas palavras de João: “Nós amamos porque ele (Deus) nos amou primeiro” (1 João 4:19). É por causa do Seu amor que amamos. É por causa do Seu amor vertical que amamos horizontalmente.

É com esse amor vertical para horizontal em mente, que consideramos adoção terrena. Tiago 1.27 nos fala: “Religião pura e genuína aos olhos de Deus, o Pai, é esta: cuidar dos órfãos

e das viúvas em suas dificuldades e não se deixar corromper pelo mundo”. A ideia sobre a adoção é esta: assim como Deus nos libertou pela vida e sacrifício de Seu Filho, resultando em nossa adoção em Sua família, devemos sacrificar nosso tempo e recursos para órfãos e adotá-los em nossas famílias. Há muitas crianças neste mundo sem pais e assim sem um exemplo do amor de Deus para com eles.

CAPÍTULO 8

A PALAVRA FINAL

Sem dúvida existe uma grande necessidade da igreja desenvolver melhor a doutrina da adoção. E existe a necessidade pessoal de cada crente entender essa doutrina e cada pastor ensiná-la, pois quando os cristãos redescobrirem a alegria e o amor extravagante de Deus para com eles, então começarão viver de forma diferente.

Assim, eu deixo Samuel Willard concluir: “Estejam sempre se confortando com os pensamentos de sua adoção: tirem seus confortos nesta torneira, busquem seus consolos deste relacionamento; estejam, portanto, sempre mastigando sobre os preciosos privilégios dele, e façam deles o seu regozijo. Que esta alegria coloque fora o vigor de qualquer outra alegria. Que esta alegria dissipe as névoas de cada tristeza, e esclareça as suas almas no meio de todos os problemas e dificuldades enquanto vocês esperam a glória celeste, onde vocês viverão a sua adoção perfeita para sempre em comunhão com o Deus Uno e Trino. Lá vocês viverão à fonte, e nadarão para sempre naqueles oceanos de Glória, sem margens, e sem fundo”.¹

Não há maior assunto sobre ação de graças e glória do que nossa adoção como filhos de Deus por meio de Jesus Cristo. Se realmente entendêssemos esse grande tema, isso mudaria completamente as nossas vidas.

NOTAS BIBLIOGRÁFICOS:

Introdução:

1. Todas as referências das escrituras não retiradas da Versão Palavra Viva são citadas. BÍBLIA. Português. *Versão Palavra Viva*. (Rio de Janeiro: Grupo Editorial Danprewan, 2014).
2. D. M. Lloyd-Jones, *God the Holy Spirit*. Este sermão foi pregado à Westminster Chapel, Londres, de 1952 a 1955 e publicado pela primeira vez em 1997.
3. Warren W. Wiersbe, *Key Words of the Christian Life: Understanding and Applying Their Meanings* (Grand Rapids: Baker Books, 2002), 33.
4. J. I. Packer, *Knowing God* (Downers Grove: Intervarsity Press, 1993), 201.

Capítulo 1: A falta do desenvolvimento da doutrina: A História da Igreja

1. Robert A. Wedd, *The Reformed Doctrine of Adoption* (Grand Rapids: Eerdmans, 1947), 188.
2. Joel R. Beeke, *Heirs with Christ: The Puritans on Adoption* (Grand Rapids: Reformation Heritage Books, 2008), xii.
3. *Confissão de Fé Westminster* (Westminster, London, 1646), Capítulo XII.
4. J. Scott. Lidgett, *The Fatherhood of God in Christian Truth and Life* (London: Charles H. Kelly, 1902), 160.
5. P. Widdicombe, *The Fatherhood of God from Origen to Athanasius* (Oxford: Oxford Theological Monographs, 1994), 79.
6. Ibid, 1.
7. Ibid, 145.
8. H. P. C. Lyons, *Adoption of sons. A Catholic Dictionary of Theology: Vol. 1.* (London: Thomas Nelson and Sons Ltd, 1962), 36.
9. Ibid, 38.
10. J. Scott. Lidgett, *The Fatherhood of God in Christian Truth and Life* (London: Charles H. Kelly, 1902), 200.
11. M. M. Loughran, *Adoption, Supernatural. New Catholic Encyclopedia: Vol. 1.* (New York: Robert Appleton Company, 1907), 139.
12. J. Scott. Lidgett, *The Fatherhood of God in Christian Truth and Life* (London: Charles H. Kelly, 1902), 220.
13. R. S. Candlish, *The Fatherhood of God: Being the First Course of the Cunningham Lectures* (Edinburgh: fifth ed., 1869), 192.
14. J. Scott. Lidgett, *The Fatherhood of God in Christian Truth and Life* (London: Charles H. Kelly, 1902), 251.
15. Ibid, 253.
16. John Calvin, *Calvin's Commentaries 2 Corinthians* (Grand Rapids: Baker Books, 1546, ed., 2009), 22.
17. John Calvin, *The Institutes of the Christian Religion III.xxv.3* (London: Banner of Truth, 1541 ed., 2014), 730.
18. John Calvin, *Calvin's Commentaries Ephesians* (Grand Rapids: Baker Books, 1546, ed., 2009), 121.
19. Joel R. Beeke, *Heirs with Christ: The Puritans on Adoption* (Grand Rapids:

- Reformation Heritage Books, 2008), 298.
20. Erroll Hulse, *Recovering the Doctrine of Adoption* (ReformationToday, Wiggin, v. 105, 1988), 10.
 21. Thomas A. Smail, *The Forgotten Father* (London: Hodder and Stoughton, 1980), 16-17.
 22. Ibid, 20.
 23. Douglas Kelly, *Adoption: An Underdeveloped Heritage of the Westminster Standards* (Doncaster, Reformed Theological Review, v. 52, 1993), 111.

Capítulo 2: Adoção: o que é?

1. *Confissão de Fé Westminster* (Westminster, London, 1646), Capítulo XII.
2. C. Baxter Kruger, *The Great Dance. The Christian Vision Revisited* (Vancouver: Regent College Publishing, 2000), 20.

Capítulo 3: Adoção e o Ordo Salutis

1. Berkhof, Louis. *Systematic Theology* (Edinburgh: The Banner of Truth Trust, Reprinted 2000), 415-16.
2. Robert A Peterson, *Toward A Systematic Theology Of Adoption* (Presbyterian: Covenant Seminary Review 27/2, Fall 2001), 121.
3. Ibid, 121.
4. John H. Leith, *Basic Christian Doctrine* (Kentucky: Westminster/John Knox Press, 1993), 87.
5. Ibid, 191.
6. J. I. Packer, *Knowing God* (Downers Grove: Intervarsity Press, 1993), 207.
7. Gordon Cooke, *The Doctrine of Adoption and the Preaching of Jeremiah Burroughs*. Eternal Light, Adoption and Livingstone. Congregational Studies Conference Papers. (Beverly: Evangelical Fellowship of Congregational Church, 1998), 23.
8. Robert A Peterson, *Toward A Systematic Theology Of Adoption* (Presbyterian: Covenant Seminary Review 27/2, Fall 2001), 121.
9. Joel R. Beeke, *Heirs with Christ: The Puritans on Adoption* (Grand Rapids: Reformation Heritage Books, 2008), 8.
10. J. I. Packer, *Knowing God* (Downers Grove: Intervarsity Press, 1993), 187-188.
11. Ibid, 167-168.
12. C. H. Spurgeon, *Adoption - The Spirit and the Cry* (<http://www.spurgeon.org/sermons/1435.htm>).
13. Wayne Grudem, *Systematic Theology: An Introduction to Biblical Doctrine* (Grand Rapids: Zondervan Publishing, 1994), 739.
14. J. I. Packer, *Knowing God* (Downers Grove: Intervarsity Press, 1993), 168.
15. D. M. Lloyd-Jones, *God's Ultimate Purpose: An Exposition of Ephesians 1:1 to 2:3* (Grand Rapids: Baker, 1979).
16. Joel R. Beeke, *Heirs with Christ: The Puritans on Adoption* (Grand Rapids: Reformation Heritage Books, 2008), 6.
17. Thomas Manton, *The Complete Works of Thomas Manton vol. 12* (London: James Nisbet & Co., 1873), 113.
18. Ibid, 114.
19. Jerry Bridges, *The Gospel for Real Life: Turn to the Liberating Power of the*

- Cross...Every Day* (Colorado Springs: NavPress, 2003), 139.
20. J. I. Packer, *Knowing God* (Downers Grove: Intervarsity Press, 1993), 201.
 21. Wayne Grudem, *Systematic Theology: An Introduction to Biblical Doctrine* (Grand Rapids: Zondervan Publishing, 1994), 746.

Capítulo 4: Adoção: O maior privilégio

1. Gary M. Senna, *A Master's Thesis by Gary M Senna, The Doctrine of Adoption* (Charlotte: Reformed Theological Seminary, 2006), 23.
2. Sinclair B. Ferguson, *Children of the Living God* (London: Banner of Truth, 1989), 22.
3. Thomas Watson, *A Body of Practical Divinity: Consisting of Above 176 Sermons on the Lesser Catechism* (Lausanne: Universidade de Lausanne, 1692), 136.
4. Wilhemus à Brakel, *The Christian's Reasonable Service, vol. 2* (Grand Rapids: Reformation Heritage Books, 1993), 419.
5. Wayne Grudem, *Bible Doctrine: Essential Teachings of the Christian Faith* (Grand Rapids: Zondervan, 1999), 323.
6. J. I. Packer, *Knowing God* (Downers Grove: Intervarsity Press, 1993), 188.

Capítulo 5: A Realidade por trás da nossa adoção

1. Accordance Bible Software. *Expositor's Bible Commentary*. (Altamonte Springs: OakTree Software, Inc., 2006).
2. Jason Kovacs, *Our Adoption in Christ: What it means for Us and for Orphans* (Together for Adoption e-book, 2009), 17.
3. Thomas Watson, *A Body of Divinity* (London: A. Fullarton, 1845).

Capítulo 6: Adoção: Passado, presente e futuro

1. P. H. Davids, *Evangelical Dictionary of Theology* (Baker Reference Library) (Grand Rapids: Baker Academic, ed. 2, 2001), 25-26.
2. John Piper, *Predestined for Adoption to the Praise of His Glory*, 2004. (<http://www.desiringgod.org/sermons/predestined-for-adoption-to-the-praise-of-his-glory>).
3. C. H. Spurgeon, *The Leading of the Spirit, the Secret Token of the Sons of God* (<http://www.spurgeongems.org/vols19-21/chs1220.pdf>), 6.
4. John Piper, *The Spirit-Led Are the Sons of God* (<http://www.desiringgod.org/sermons/the-spirit-led-are-the-sons-of-god>).
5. Ibid.
6. Ibid.
7. Warren W. Wiersbe, *Key Words of the Christian Life: Understanding and Applying Their Meanings* (Grand Rapids: Baker Books, 2002), 565.
8. C. H. Spurgeon, *Morning & Evening* (Grand Rapids: Christian Classics Ethereal Library, 2002), 357.

Capítulo 7: O que a adoção significa para nós: As consequências e as aplicações para nossas Vidas

1. William Perkins, *The Doctrine of Adoption: A southasiaharvest.com Teaching Series* (South Asia Harvest e-book, 2013), 9.
2. Sinclair B. Ferguson, *Children of the Living God* (London: Banner of Truth, 1989), 31.

3. Robert A. Peterson, *Adopted by God: From Wayward Sinners to Cherished Children* (Phillipsburg: P&R Publishing, 2001), 76-78.
4. John GILL, *A Body of Doctrinal Divinity by John Gill, D.D. Volume 6* (<http://www.puritan-books.org/gill-john-1697-1771-1/a-body-of-doctrinal-divinity-by-john-gill-d-d-volume-6/chapter9-ofadoption>).
5. Sinclair B. Ferguson, *The Holy Spirit in Contours of Christian Theology* (Downers Grove: InterVarsity Press, 1996), 185.
6. Thomas Watson, *The Lord's Prayer* (London: Banner of Truth, Revised edition, 1960), 25.
7. Russell Moore, *Abba Changes Everything* (Christianity Today, v. 20, July 2010), 20.
8. Wayne Grudem, *Systematic Theology: An Introduction to Biblical Doctrine* (Grand Rapids: Zondervan Publishing, 1994), 739.
9. Sinclair B. Ferguson, *Children of the Living God* (London: Banner of Truth, 1989), 11.
10. R. C. Sproul, *Now, That's a Good Question!* (Tyndale House Publishers, Inc., 1996), 13-14.
11. D. M. Lloyd-Jones, *Sons of God*, 1961. (<http://www.mljtrust.org/collections/book-of-romans/8/?page=3>).
12. J. I. Packer, *Knowing God* (Downers Grove: Intervarsity Press, 1993), 212.
13. Ray Pritchard, *Names of the Holy Spirit* (Chicago: Moody Publishers, 1995), 164.
14. Thomas Cole, *A Discourse of Christian Religion, in Sundry Points... Christ the Foundation of our Adoption, from Gal. 4. 5.* (London: for William Marshall, 1698), 350.
15. Thomas Watson, *A Body of Divinity* (London: A. Fullarton, 1845), 219.
16. Ibid, 219.
17. Thomas Cole, *A Discourse of Christian Religion, in Sundry Points... Christ the Foundation of our Adoption, from Gal. 4. 5.* (London: for William Marshall, 1698), 355.
18. Sinclair B. Ferguson, *Children of the Living God* (London: Banner of Truth, 1989), 120.
19. Ibid, 125.
20. Ibid, 126.
21. John Calvin, *Institutes of the Christian Religion, Chapter 19*, 1599. (<http://www.biblestudytools.com/history/calvin-institutes-christianity/book3/chapter-19.html>>).
22. Thomas Watson, *A Body of Divinity* (London: A. Fullarton, 1845), 219.
23. K. S. Wuest, *Wuest's Word Studies - From the Greek New Testament* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1999), 136.
24. Thomas Watson, *A Body of Divinity* (London: A. Fullarton, 1845), 224.
25. Jeremiah Burroughs, *The Saints' Happiness*. Delivered in Divers Lectures on the Beatitudes. (Edinburgh: James Nichol. London: James Nisbet & Co. Dublin: G. Herbert, 1867), 53.
26. William Perkins, *The Works of William Perkins, Volume 1* (Grand Rapids: Reformation Heritage Books, 2014), 369.
27. Samuel Willard, *The Child's Portion: Or the Unseen Glory of the Children of God* (Boston: Samuel Green, 1684), 17.
28. John Owen, *The Works of John Owen, Volume 21* (London: Banner of Truth, ed. 16, 1966), 257.

29. Joel R. Beeke, *Heirs with Christ: The Puritans on Adoption* (Grand Rapids: Reformation Heritage Books, 2008), 27.
30. J. I. Packer, *Knowing God* (Downers Grove: Intervarsity Press, 1993), 201.
31. Jason Kovacs, *Our Adoption in Christ: What it means for Us and for Orphans* (Together for Adoption e-book, 2009), 17.
32. Wayne Grudem, *Systematic Theology: An Introduction to Biblical Doctrine* (Grand Rapids: Zondervan Publishing, 1994), 644.
33. Eugene H. Peterson, *Christ Plays In Ten Thousand Places* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 2005), 229.
34. David R. Kaylor, *Paul's Covenant Community* (Atlanta: John Knox Press, 1988), 23.

Capítulo 8: A palavra final

1. Samuel Willard, *The Child's Portion: Or the Unseen Glory of the Children of God* (Boston: Samuel Green, 1684), 54.

REFERÊNCIAS

ACCORDANCE BIBLE SOFTWARE. *Expositor's Bible Commentary*. Altamonte Springs: Oak Tree Software, Inc., 2006. [Software].

BARCLAY, William. **William Barclay's Daily Study Bible**. Philadelphia: The Westminster Press, 1955, ed., 1975.

BEEKE, Joel R. **Heirs with Christ: The Puritans on Adoption**. Grand Rapids: Reformation Heritage Books, 2008.

BÍBLIA. Português. **Nova Versão Internacional**. Colorado Springs: Biblica Inc, 2000.

BÍBLIA. Português. **Nova Versão Transformadora**. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.

BÍBLIA. Português. **Versão Palavra Viva**. Rio de Janeiro: Grupo Editorial Danprewan, 2014.

BRAKEL, Wilhemus à. **Christian's Reasonable Service, vol. 2**. Grand Rapids: Reformation Heritage Books, 1993.

BRIDGES, Jerry. **The Gospel for Real Life: Turn to the Liberating Power of the Cross...Every Day**. Colorado Springs: NavPress, 2003.

BURROUGHS, Jeremiah. **The Saints' Happiness**. Delivered in Divers Lectures on the Beatitudes. Edinburgh: James Nichol. London: James Nisbet & Co. Dublin: G. Herbert, 1867.

CALVIN, John: **Calvin's Commentaries 2 Corinthians**. Grand Rapids: Baker Books, 1546, ed., 2009. [CO 50 (78):23].

_____. **Calvin's Commentaries Ephesians**. Grand Rapids: Baker Books, 1546, ed., 2009. [CO 51(79):141].

_____. **The Institutes of the Christian Religion III.xxv.3**. London: Banner of Truth, 1541 ed., 2014. [CO 2 (30):730].

_____. **Institutes of the Christian Religion**. CHAPTER 19. Disponível em: <<http://www.biblestudytools.com/history/calvin-institutes-christianity/book3/chapter-19.html>>.

CANDLISH, R. S. **The Fatherhood of God**: Being the First Course of the Cunningham Lectures. Edinburgh: fifth ed., 1869.

COLE, Thomas. **A Discourse of Christian Religion, in Sundry Points...** Christ the Foundation of our Adoption, from Gal. 4. 5. London: for William Marshall, 1698.

CONFISSÃO DE FÉ WESTMINSTER. Westminster, London: 1646.

COOKE, Gordon. The Doctrine of Adoption and the Preaching of Jeremiah Burroughs. **Eternal Light, Adoption and Livingstone**. Congregational Studies Conference Papers. Beverley: Evangelical Fellowship of Congregational Church, p. 23, 1998.

DAVIDS, P. H. **Evangelical Dictionary of Theology** (Baker Reference Library). Grand Rapids: Baker Academic, ed. 2, 2001.

FERGUSON, Sinclair B. **Children of the Living God**. London: Banner of Truth, 1989.

_____. **The Holy Spirit in Contours of Christian Theology**. Downers Grove: InterVarsity Press, 1996.

GILL, John. **A Body of Doctrinal Divinity by John Gill, D.D. Volume 6**. Disponível em: <<http://www.puritan-books.org/gill-john-1697-1771-1/a-body-of-doctrinal-divinity-by-john-gill-d-d-volume-6/chapter9-ofadoption>>.

GRUDEM, Wayne. **Bible Doctrine**: Essential Teachings of the Christian Faith. Grand Rapids: Zondervan, 1999.

_____. **Systematic Theology**: An Introduction to Biblical Doctrine. Grand Rapids: Zondervan Publishing, 1994.

HEPPE, Heinrich. **Reformed Dogmatics**. Great Britain, 1950. Reimpressão ed., Grand Rapids, 1978.

HULSE, Erroll. Recovering the Doctrine of Adoption. **ReformationToday**, Wiggins, v. 105, p. 10, 1988.

KAYLOR, David R. **Paul's Covenant Community**. Atlanta: John Knox Press, 1988.

KELLY, Douglas. Adoption: An Underdeveloped Heritage of the Westminster Standards. **Reformed Theological Review**, Doncaster, v. 52, p.111, 1993.

KNOX, John. **The Works of John Knox vol. 5**. Edinburgh: Colecionado e editado por David Laing, 1895.

KOVACS, Jason. **Our Adoption in Christ**: What it means for Us and for Orphans. Together for Adoption e-book, 2009. Disponível em: <<http://www.togetherforadoption.org/wp-content/media/Together-for-Adoption-eBook.pdf>>.

KRUGER, C. Baxter. **The Great Dance. The Christian Vision Revisited**. Vancouver: Regent College Publishing, 2000.

LEITH, John H. **Basic Christian Doctrine**. Kentucky: Westminster/John Knox Press, 1993.

LIDGETT, J. Scott. **The Fatherhood of God in Christian Truth and Life**. London: Charles H. Kelly, 1902.

LLOYD-JONES, D. M. **God the Holy Spirit**. Este sermão foi pregado à Westminster Chapel, Londres, de 1952 a 1955 e publicado pela primeira vez em 1997.

_____. **God's Ultimate Purpose: An Exposition of Ephesians 1:1 to 2:3**. Grand Rapids: Baker, 1979.

_____. **Sons of God**. Disponível em: <<http://www.mljtrust.org/collections/book-of-romans/8/?page=3>>.

LOUGHRAN, M. M. Adoption, Supernatural. **New Catholic Encyclopedia**: Vol. 1. New York: Robert Appleton Company, 1907.

LYONS, H. P. C. Adoption of sons. **A Catholic Dictionary of Theology**: Vol. 1. London: Thomas Nelson and Sons Ltd, 1962.

MACARTHUR, John. **The Spirit of Adoption: Romans 8:14-16**. Disponível em: <<http://www.gty.org/resources/sermons/90-420/the-spirit-of-adoption>>.

MANTON, Thomas. **The Complete Works of Thomas Manton vol. 12**. London: James Nisbet & Co., 1873

MOORE, Russell. Abba Changes Everything. **Christianity Today**, v. 20, July 2010.

OWEN, John. The Works of John Owen, Volume 21. London: Banner of Truth, ed. 16, 1966.

PACKER, J. I. **Knowing God**. Downers Grove: Intervarsity Press, 1993.

_____. **Concise Theology: A Guide to Historic Christian Beliefs**. Wheaton: Tyndale House, 1993.

PERKINS, William. **The Doctrine of Adoption: A southasiaharvest.com Teaching Series**. South Asia Harvest e-book, 2013. Disponível em: <<http://www.southasiaharvest.com/wp-content/uploads/2013/09/Adoption.pdf>>.

_____. **The Works of William Perkins, Volume 1**. Grand Rapids: Reformation Heritage Books, 2014.

PETERSON, Eugene H. **Christ Plays In Ten Thousand Places**. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 2005.

PETERSON, Robert A. **Adopted by God: From Wayward Sinners to Cherished Children**. Phillipsburg: P&R Publishing, 2001.

_____. **Toward A Systematic Theology Of Adoption**. Presbyterian: Covenant Seminary Review 27/2, p. 121, Fall2001.

PIPER, John. *Predestined for Adoption to the Praise of His Glory*. Disponível em: <http://www.desiringgod.org/sermons/predestined-for-adoption-to-the-praise-of-his-glory>.

_____. ***The Spirit-Led Are the Sons of God*.** Disponível em: <http://www.desiringgod.org/sermons/the-spirit-led-are-the-sons-of-god>.

PRITCHARD, Ray. *Names of the Holy Spirit*. Chicago: Moody Publishers, 1995.

SENNA, Gary M. *A Master's Thesis by Gary M Senna, The Doctrine of Adoption*. Charlotte: Reformed Theological Seminary, 2006.

SMAIL, Thomas A. *The Forgotten Father*. London: Hodder and Stoughton, 1980.

SPURGEON, C. H. *Adoption - The Spirit and the Cry*. Disponível em: <http://www.spurgeon.org/sermons/1435.htm>.

_____. ***Morning & Evening*.** Grand Rapids: Christian Classics Ethereal Library, 2002.

_____. ***The Leading of the Spirit, the Secret Token of the Sons of God*.** Disponível em <http://www.spurgeongems.org/vols19-21/chs1220.pdf>.

STOLT, Birgit. Martin Luther on God as a Father. *Lutheran Quarterly*, Milwaukee, v. 8, p. 389-90, 1994.

TRUMPER, Tim J. R. *The Theological History of Adoption I: An Account*. Philadelphia: Westminster Theological Seminary, 2002.

WATSON, Thomas. *A Body of Practical Divinity: Consisting of Above 176 Sermons on the Lesser Catechism*. Lausanne: Universidade de Lausanne, 1692.

_____. ***A Body of Divinity*.** London: A. Fullarton, 1845.

_____. ***The Lord's Prayer*.** London, Banner of Truth, Revised edition, 1960.

WEBB, Robert A. *The Reformed Doctrine of Adoption*. Grand Rapids: Eerdmans, 1947.

WIDDICOMBE, P. *The Fatherhood of God from Origen to Athanasius*. Oxford: Oxford Theological Monographs, 1994.

WIERSBE, Warren W. *Key Words of the Christian Life: Understanding and Applying Their Meanings*. Grand Rapids: Baker Books, 2002.

_____. ***The Bible Exposition Commentary*.** Grand Rapids: Baker, 1979.

WILLARD, Samuel. *The Child's Portion: Or the Unseen Glory of the Children of God*. Boston: Samuel Green, 1684.

WUEST, K. S. *Wuest's Word Studies - From the Greek New Testament*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1999.